

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Douglas Almiro Waechter dos Santos

UM “FANTÁSTICO” POR DIA:

O Balanço Geral RS sob a ótica da Análise do Discurso

Porto Alegre

2018

Douglas Almiro Waechter dos Santos

UM “FANTÁSTICO” POR DIA:

O Balanço Geral RS sob a ótica da Análise do Discurso

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alex Niche Teixeira.

Porto Alegre

2018

Douglas Almiro Waechter dos Santos

UM “FANTÁSTICO” POR DIA:

O Balanço Geral RS sob a ótica da Análise do Discurso

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Alex Niche Teixeira.

Aprovado em 26 de janeiro de 2018.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alex Niche Teixeira – UFRGS (orientador)

Prof. Dr. Enio Passiani – UFRGS

Prof. Me. Francisco Amorim – UniRitter

À minha mãe, pelo suporte e
compreensão irrestritos.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho aconteceu pelo suporte e apoio das seguintes pessoas que moveram esforços ao longo do caminho:

Cícero, amigo que iniciou movimento para a minha chegada ao objeto de pesquisa;

Gabriela, sua namorada, indicando-me conversar com o Filipe, na Record TV RS;

Filipe, funcionário da TV, atenciosamente me atendeu e apresentou-me ao editor-chefe do Balanço Geral RS;

José Ferraro, editor-chefe do programa, de uma gentileza notável, atendeu-me desde o primeiro contato, acreditou no projeto e tornou-o possível neste formato.

Ao amigo Rodrigo “mineiro”, pelo suporte de última hora;

À minha amiga Jasmine, pela tradução do resumo;

À amiga Tamires, irmã que a vida me deu, acreditou comigo desde longa data na realização deste projeto,

Ao meu orientador, professor Dr. Alex Niche Teixeira, pela excelência na condução deste estudo e compreensão sobre o ser humano.

Agradeço de forma muito especial:

Ao meu pai, pela eterna paciência;

À Geisa, minha madrasta, pela compaixão sem explicação;

Rita, minha namorada, sempre incentivou e acreditou na realização deste projeto, que não teria acontecido sem seu apoio;

À família gaúcha (avós, tias, tios e primos), base de tudo, pelo suporte emocional;

À família carioca (tias, tio, primos e irmão), que de longe incentivam e apoiam emocional e incondicionalmente;

À dona Rosimara, minha mãe, esta pessoa batalhadora, realizadora; obrigado por tudo, desde sempre.

RESUMO

O presente estudo teve por finalidade investigar o programa televisivo Balanço Geral RS, inserido na lógica do espetáculo da violência na mídia. Por meio da Análise do Discurso, tratou-se compreender como o discurso do programa é operado no campo televisivo e no campo da produção. O objetivo central consiste em verificar como a produção do programa entende que a mensagem, enquanto discurso, do Balanço Geral RS é assimilada pela audiência. Foi realizada entrevista semiestruturada com o editor-chefe do programa que resultou num importante material empírico para análise, e observados cinco programas entre os dias 09 e 13 de outubro de 2017, com o propósito de verificar sua estrutura em funcionamento. Ao longo do estudo são trabalhados os conceitos de "televisão", "espetáculo" e "violência". Os resultados finais são um convite à reflexão. Percebe-se que o Balanço Geral RS possui elementos que remetem ao sensacional, contudo, recusa e distancia-se desta alcunha, tendo razões lógicas para tal. Cabe ao pesquisador, de posse dos conceitos apresentados e do material elencado, posicionar a si e ao programa perante o tema.

Palavras-chave: Balanço Geral RS. Análise do Discurso. Mídia e violência.

ABSTRACT

The present dissertation study had the aim of investigating the *Balanço Geral RS* broadcasting program embedded in the logic of the spectacle of violence in the media. Through the analysis of the program's speech, this study sought to understand how the speech of the program is operated in the broadcasting field as well as the production field. The central objective involved verifying how the program production recognizes that the *Balanço Geral RS* message, while still speech, is absorbed by the audience. A semi-structured interview was conducted with the program's chief editor which yielded important empirical material for the analysis along with five programs observed between October 9th and 13th of 2017. The material was gathered for the purpose of verifying the program's structure in operation. Throughout this dissertation, the concepts of "television," "spectacle," and "violence" are explored. The final results are an invitation towards reflection. It is noted that the *Balanço Geral RS* possessed elements that refers to that which is sensational, however, the program denies and distances itself from this alias, having logical reasons to do so. The future investigator equipped with the presented concepts and material listed in this dissertation may have a positioning in further considering what this program represents.

Key-words: *Balanço Geral RS*. Speech Analysis. Media and violence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Problema de pesquisa.....	11
1.2 Objetivo central	11
1.3 Objetivos específicos	11
1.4 Hipóteses	11
1.5 Metodologia.....	12
2. A TELEVISÃO	15
3. MÍDIA E VIOLÊNCIA	20
4. BALANÇO GERAL RS: DISCURSOS QUE O CATEGORIZAM PARA ALÉM DE UM PROGRAMA POLICIAL	28
4.1 Formato do Programa	31
4.2 Discursos do apresentador	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	48
APÊNDICE B – Transcrição de entrevista	51

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser vislumbrado quando da minha estadia por dois anos em João Pessoa/PB, entre os anos de 2008 e 2010. Àquela época, estranhava-me a quantidade de programas televisivos de emissoras locais, afiliadas de grandes emissoras nacionais, como TV Bandeirantes, Rede Record e SBT, exibindo, na mesma faixa horária (por volta do meio-dia), programas de cunho violento, sensacionalista. Estranhava-me como diferentes programas transmitiam simultaneamente todo tipo de crimes bárbaros cometidos na cidade e região metropolitana e, sobretudo, a audiência que estes programas alcançavam.

Já em Porto Alegre, constatei a existência de ao menos dois programas locais que seguem linha parecida de espetáculo e violência daqueles do Nordeste brasileiro. Também na mesma faixa horária (meio-dia), e com o mesmo formato de produção, porém mais leves no que toca os crimes e cenas de crimes expostos para o telespectador. No Nordeste, o bandido – sempre que capturado – é entrevistado em tom jocoso. Contudo, ao mesmo tempo em que se dá este tom à entrevista de um criminoso, coloca-se o *status* de herói televisivo, a atração maior do programa, maior até mesmo que o apresentador ou policiais que também têm a sua participação assegurada.

O objeto escolhido para este estudo na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, é o programa jornalístico de televisão Balanço Geral RS, da Record TV RS, canal 2, transmitido para todo o Estado do Rio Grande do Sul, partes de Santa Catarina e Uruguai. No ar desde 2007 – ano de estreia da Record TV RS, o programa cresceu junto com a emissora e a audiência, acompanhando as transformações do Estado e televisionando muitas delas especialmente na área de segurança pública.

O Balanço Geral RS se denomina como programa jornalístico com notícias policiais e entretenimento. Com isto, tem a intenção de se afastar do rótulo de sensacionalista, comum a programas do gênero policial. Este trabalho, referenciado em autores que escrevem sobre violência, espetáculo e discurso atrelados ao jornalismo, percorre a história e o presente momento do programa através de entrevista com José Ferraro, seu editor-chefe, e análise de cinco programas escolhidos no recorte temporal proposto. Relacionando teoria e prática, utilizou-se a

ferramenta de Análise do Discurso para investigar como o discurso na produção do programa está ligado ao discurso do apresentador, isto é, aquele que o público telespectador recebe quando o assiste.

O título do trabalho, aliás, surgiu ao final da entrevista com José Ferraro, com o gravador já desligado, ao dizer que produzir o Balanço Geral RS equivale a produzir um Fantástico (programa dominical da Rede Globo) por dia, isto é, que a Record TV RS produz diariamente o equivalente ao programa que a Globo produz uma vez por semana.

1.1 Problema de pesquisa

A escolha do tema se deu a partir da observação de uma gama considerável de programas televisivos com enfoque na violência, dentre os mais notórios – a nível nacional –, Cidade Alerta (Rede Record), Brasil Urgente (Rede Bandeirantes) e Balanço Geral (Rede Record). A abordagem destes programas é focada no exagero dramático de apresentadores e repórteres, e na exploração de sofrimentos perante atos violentos. Diante isto, busca-se compreender como o Balanço Geral RS se reconhece e se posiciona na mídia nacional.

1.2 Objetivo central

Verificar como a produção do programa Balanço Geral RS entende que a mensagem transmitida pelo programa é apreendida, compreendida, assimilada pelos telespectadores.

1.3 Objetivos específicos

- Verificar os índices de audiência do programa dentro do recorte proposto pelo projeto;
- Identificar e analisar os recursos utilizados na produção e execução de programas policiais;
- Analisar o discurso do apresentador do programa Balanço Geral RS.

1.4 Hipóteses

As seguintes hipóteses conduzem a produção deste trabalho:

- Os programas policiais são, em sua maioria, produzidos de modo a captar a atenção do telespectador que busca informação e entretenimento ao mesmo tempo;

- O formato dos programas policiais é geralmente dinâmico, objetivo;
- Apresentadores utilizam de linguagem coloquial e interagem com o público, geralmente abusando de bordões de fácil compreensão (fazendo disso suas marcas pessoais), emitindo opiniões que não necessariamente são suas, mas que vão ao encontro ao que os telespectadores querem ouvir;
- Os programas policiais são produzidos como um show de entretenimento, com edições elaboradas de som e luz, de modo a torná-lo atraente ao telespectador cativo que busca informação e inclusão ao participar do programa via interatividade;
- Os programas policiais, por vezes, são os únicos que vão aonde nenhuma outra mídia vai para cobrir fatos de interesse público.

1.5 Metodologia

A partir de um *smartphone* com captação de sinal da televisão aberta, foram gravados cinco programas entre os dias 09 e 13 de outubro de 2017. Foram escolhidos estes programas dentro do recorte temporal viável para análise dos mesmos no período compatível com o projeto. A escolha deste período se deu em razão de nele haver elementos que contribuíram para expandir a compreensão do objeto de pesquisa, apresentando o Balanço Geral RS em todas suas características, isto é, um programa jornalístico com notícias policiais, prestação de serviço e entretenimento.

Com o objeto delimitado, fora realizada pesquisa semiestruturada com José Ferraro, editor-chefe do Balanço Geral RS. Utilizou-se também da ferramenta de **Análise do Discurso** para compreender como o programa se articula em si e se relaciona com a audiência.

Com origem na Linguística, a Análise do Discurso (AD), é uma corrente teórica desenvolvida majoritariamente na França. Diversos teóricos contribuíram para o desenvolvimento da área, dentre os quais podemos citar Michel Pêcheux - precursor da AD francesa -, Dominique Maingueneau, Norman Fairclough, Patrick Charaudeau, dentre outros.

Embora não sendo consensuais, nas abordagens apresentadas por cada autor, segundo Melo (2009, p. 3) "o objeto de estudo de qualquer análise do discurso não se trata tão somente da língua, mas o que há por meio dela: relações de poder,

institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas".

Maingueneau é bastante razoável ao tratar das diversas abordagens que a AD possui:

[...] não é um segredo para ninguém que a AD é um espaço extremamente diversificado. Alguns se contentam com uma definição minimalista: não hesitam em chamar “análise do discurso” não importa qual o estudo que esteja relacionado com as unidades transfrásicas consideradas em seu contexto social. Nessas condições, é difícil ver qual a obra poderia oferecer uma síntese do que seria “a” AD. Existe, em cada corrente, autores importantes cujo pensamento é necessário conhecer, mesmo se não pertencemos a mesma corrente que eles. O único conselho que posso dar é bem modesto: utilizar o “Dictionnaire d’analyse du discours”, traduzido recentemente em português [“Dicionário de Análise do Discurso”. São Paulo: Contexto, 2004], que eu co-dirigi com P. Charaudeau e que mobilizou cerca de vinte colaboradores. É de fato um instrumento de trabalho que não reflete uma doutrina, mas se esforça por dar uma ideia da diversidade das pesquisas feitas em AD (MAINGUENEAU, 2006, p. 5-6).

No dia-a-dia é comum ouvir com frequência o termo *discurso* situado na fala de diversos sujeitos. A palavra em si costuma ser utilizada para acompanhar ideias abordadas no campo político, econômico, esportivo, filosófico, midiático, das redes sociais etc. Por conta do seu uso bastante amplo e comum, Dias (1996) reconhece que,

Uma das dificuldades em estabelecer esse conceito seja o processo de banalização científica do vocábulo, sua identificação com o próprio sentido que ocupa na linguagem comum, além de seu emprego para nomear outros fenômenos de natureza não linguística (DIAS, 1996, p. 104).

O que significa, entretanto, analisar discursos?

A AD implica analisar estruturas textuais localizadas em contexto social e compreender construções ideológicas presentes neles.

[...] *discurso* pode ser relacionado a um conjunto de saberes partilhados, construídos, na maior parte das vezes, de modo inconsciente, pelos indivíduos pertencentes a um dado grupo social. Os *discursos sociais* (ou *imaginários sociais*) mostram a maneira pela qual as práticas sociais são representadas em um dado contexto sociocultural e como são racionalizadas em termos de valor: sério/descontraído, popular/aristocrático, polido/impolido, etc. (CHARAUDEAU, 2001, p. 25).

Para Gregolin,

Através da Análise do Discurso é possível realizarmos uma análise interna (o que este texto diz? como ele diz?) e uma análise externa (por que este texto diz o que ele diz?). Ao analisarmos o discurso, estaremos inevitavelmente diante da questão de como ele se relaciona com a situação que o criou. A análise vai procurar colocar em relação o campo da língua (suscetível de ser estudada pela Linguística) e o campo da sociedade (apreendida pela história e pela ideologia) (GREGOLIN, 1995, p. 17).

No mundo contemporâneo, a mídia é um dos principais veículos discursivos em atuação. Neste cenário, entra em análise o programa televisivo Balanço Geral RS, da Record TV RS.

2. A TELEVISÃO

A televisão tem início no Brasil na década de 1950, com Assis Chateaubriand. É na década de 1960, porém, impulsionada pelo Regime Militar em 1964 (que se utilizou do pretexto da “defesa nacional” para impulsionar a televisão outorgando concessões a famílias e grupos sociais poderosos), que a televisão se desenvolve como grande meio de comunicação de massa (COIMBRA, 2001, p. 2). Na década de 1950 houve grande migração do meio rural para os centros urbanos brasileiros. Na década de 1960, a população urbana é maior do que a população rural. Nesse cenário, em que migrantes estão sujeitos a novos códigos de conduta, expostos a situações e ambientes diferentes aos quais estavam acostumados, “a televisão vai receber essa população, vai apresentar-lhe o mercado e a cidade, oferecendo-lhe códigos que permitam interpretar suas referências culturais” (SOUZA, 2003, p. 85).

A televisão, como mídia de massa (*mass media*), é local de poder em que múltiplos interesses comuns ou conflituosos coexistem sob constante pressão. Há **concorrência externa**, diversos canais de televisão em busca de audiência; **interna**, funcionários ativos e inativos; **mercadológica**, empresas patrocinadoras ou proprietárias dos canais televisivos; **política**, interesses do governo na grade televisiva (BOURDIEU, 1997).

Diante de conflitos e interesses, o autor adverte que a televisão é o lugar de ser visto e ao mesmo tempo de não se falar nada. Isto porque os bastidores da TV têm suas regras próprias, limitações quanto ao tempo de aparição; à linguagem coloquial que se deve utilizar para captar a maior atenção possível do público telespectador desprovido do mesmo intelecto dos seus interlocutores. Assim, a TV passa a ser “um espelho de Narciso, um lugar de exibição narcísica” (BOURDIEU, 1997, p. 17).

A violência espetacular que a televisão transmite é fato “*omnibus*”, isto é, coisas de natureza que possam interessar a todo mundo, ao mesmo tempo em que é um fato dado, ideia feita, trata-se de uma comunicação instantânea, a qual não necessita reflexão ou indagação do telespectador acerca do que assiste (BOURDIEU, 1997, p. 23).

O espetáculo aparece na televisão como o produto a ser vendido massivamente. Em *A Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (1979) trata a massificação da produção industrial, a partir das Revoluções Industriais Europeias até o século XX, como o espetáculo da sociedade que se transforma ao mesmo

tempo em que é induzida, por meio da propaganda, a consumir cada vez mais bens dos quais não se necessita, causando distanciamento real das coisas e atribuindo às coisas significados, atributos, imagens diferentes dos seus significados originais. A sociedade se espetaculariza na medida em que consome bens de forma alienada, distanciando-se do mundo real.

Bourdieu analisa a televisão como o espaço do ser visto e do nada ser dito. Para o autor, o tempo é algo raro na televisão, sendo, este meio midiático, ocupado por coisas fúteis, tais como notícias de famosos, esportes, violências, fenômenos naturais etc. Contudo, o fútil não é tão fútil quando ocupa o escasso tempo televisivo. O autor manifesta que, na medida em que se sabe que as pessoas não leem todos os jornais,

[...] estão devotadas de corpo e alma à televisão como única fonte de informações. A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população (BOURDIEU, 1997, p. 23).

A televisão seleciona o que vai mostrar e como vai mostrar; ela operacionaliza esta construção de escolhas a partir dos “óculos” que os jornalistas têm para enxergar certas coisas de tais maneiras e outras de formas distintas, seguindo sempre a linha editorial do seu empregador. Segundo o autor,

O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e enxerga-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Um exemplo notório de como a televisão opera as imagens de violência de modo a lhes conferir caráter espetacular, dramático, trágico é o programa Linha Direta (já extinto) da Rede Globo de Televisão. Em artigo oriundo de sua tese, Alex Niche Teixeira (2009) analisou, em dois momentos distintos, o modo como o programa retratou as imagens de violência criminal reproduzidas por atores em cenários verossimilhantes aos locais dos crimes em si, dramaturgia que visava solucionar casos sem resposta à sociedade por meio da ajuda do telespectador mediante telefonemas com informações ou pistas sobre o caso.

No programa Linha Direta há um ponto em relação o qual Bourdieu analisa a televisão. O autor demonstra que além da fala dos apresentadores em discursos televisivos, está em jogo, em cena, sua linguagem corporal, que pode deixar escapar

verdades não ditas no discurso verbal, aliadas a um cenário montado estrategicamente para dar a entender que a questão “x” é mais importante que a “y”:

[...] dizemos tanto pelos olhares, silêncios, pelos gestos, pelas mímicas, pelos movimentos dos olhos etc. quanto pela própria palavra. E também pela entonação, por toda espécie de coisas. Revelamos então, imensamente mais do que podemos controlar (isso deveria preocupar os fanáticos pelo espelho Narciso). Há tantos níveis de expressão, ainda que apenas no nível da palavra propriamente dita – caso se controle o nível fonológico, não se controla o nível sintático, e assim por diante – que ninguém, mesmo o mais senhor de si mesmo, a menos que represente um papel ou pratique a linguagem empolada, pode controlar tudo (BOURDIEU, 1997, p. 44).

No programa televisivo apresentado por Teixeira (2009) existe,

Intensa utilização de técnicas de iluminação, atuação, sonorização, entre outras no sentido de garantir o apelo dramático das histórias, configurando-se, neste sentido, uma **espetacularização** do sofrimento de todos os envolvidos (TEIXEIRA, 2009, p. 4, grifo meu).

Toda a magia da televisão, porém, revela as preocupações comuns a Odalia (1983) e a Bourdieu (1997), quais sejam: os autores compartilham do sentimento de preocupação com a ampla projeção da mídia televisiva, afundando outras mídias tradicionais (jornal escrito, por exemplo) em níveis de importância, constituem monopólio de informação. Bourdieu chama atenção para os *fast-thinkers*, espectadores que – devido ao curto tempo na grade horaria para que comentaristas tecam opiniões mais bem elaboradas – são induzidos a reproduzir “ideias feitas” (aqui o autor abre aspas para expressão de Gustav Flaubert), proposições aceitas por todo mundo, de um modo geral. Já Odalia, assim como Bourdieu, preocupa-se com o monopólio televisivo sobre os *mass media* e suas consequências no domínio da informação, tornando-se o poder mais dominante entre os dominadores. Para Odalia (1983), este domínio é observado na forma de uma educação informal, no sentido de que a televisão – através do grande alcance que tem – passa a normatizar estilos de vida, condutas sociais, mercados consumidores (mesmo que contraditórios), criando ilusões consumistas por meio de imagens e ideias/ideais, numa tentativa de alienar o telespectador.

Ao mesmo tempo em que oferece sonhos e ilusões, a televisão violenta o telespectador que não pode ter o que fora induzido a desejar:

Com efeito, privar significa tirar, destituir, despojar, desapossar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos. A violência nos impede de não apenas ser o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente de nos realizar como homens (ODALIA, 1983, p86).

O domínio e monopólio da informação por meio da mídia, contudo, é fato verificado ao redor mundo. Ao discorrer sobre mídia e produção de modos de existência, Coimbra diz que:

[...] além de produzir certos modos de existência e de vida, de estar nas mãos de uns poucos, a mídia funciona organizando diversos e diferentes fluxos de acontecimentos; pela via do espetáculo, das formas dramáticas e sensacionalistas produz identidades, simpatias, prós e contras (COIMBRA, 2001, p.3).

A autora cita levantamento feito por Noam Chomsky (1997) para o jornal *Folha de S. Paulo*, o qual aponta os sete maiores grupos que dominam a mídia mundialmente, denominado por Chomsky por “império da mídia”.

Ao lado da alemã *Bertelsmann*, da mexicana *Televisa*, da australiana *News Corporation* e das norte-americanas *Viacom*, *ABC Disney* e *Time Warner*, a *Rede Globo* tinha, em 1997 – oficialmente – sob sua tutela um jornal, cinco revistas, uma rádio com 20 emissoras, um canal de TV transmitido por 86 emissoras nacionais, quatro canais internacionais para a Inglaterra, Estados Unidos, Portugal e Brasil, uma empresa de vídeo, uma editora, uma gráfica e três gravadoras de discos (CHOMSKY, 1997, p. 8-9 *apud* COIMBRA, 2001, p. 2).

O monopólio da mídia por grupos dominantes é percebido ainda hoje com grandes grupos midiáticos se fortalecendo ao adquirir grupos menores e/ou com menos poderio financeiro.

O que se verifica nos programas televisivos que espetacularizam a violência, de forma geral, é a legitimidade que estes programas conferem a si próprios, amparados por uma audiência cativa e no sentimento de injustiça e aproximação da realidade que convivem com frequência. A linguagem verbal e corporal e a produção sensacionalista de que se vestem tais programas televisivos parecem explorar ao máximo o drama, o espetáculo do crime recém-praticado, ou casos não solucionados, apanhando imagens reais e objetivando-as de outros sentidos, aqueles impelidos pela vontade dominante do *mass media* e seus atores ocultos.

Ao sensacionalismo, contudo, é possível se fazer outra abordagem. Segundo Alves (2003, p. 52), “é um *modo* ou um *estilo* narrativo da notícia ou da reportagem, quando extrapola ou dimensiona um fato”. Dito isto,

Não cabe dizer que um telejornal, ou qualquer outro veículo, é ou não sensacionalista, porque esse termo já é demasiadamente utilizado para definir algo em descrédito. Para o leitor, o telespectador ou ouvinte, o sensacionalismo é uma palavra-chave, que sempre remete a deslize informativo, e é a primeira palavra que a maior parte das pessoas utiliza para condenar uma publicação (ALVES, 2003, p. 52).

A televisão “une” as pessoas de um modo particular. Ao sintonizar a TV, diferentes pessoas de diferentes partes do mundo se ligam num mesmo conteúdo. Souza (2003) aborda esta e outras questões, pautando relações interpessoais, violência e discurso televisivo como porta-voz do telespectador. Segundo a autora, o consumo de conteúdo (em especial a violência) a partir da televisão reorganiza a convivência social, causa o abandono de espaços públicos, restringe a socialização a espaços privados, familiares:

A televisão colabora com a “reorganização do homem com o espaço” através de um processo complexo: ela valoriza o espaço privado ao estimular a vida familiar, ou mesmo solitária, em frente ao aparelho transmissor; ela transmite “notícias e imagens” do que acontece “na rua”, simulando participação do sujeito na vida pública (SOUZA, 2003, p. 82).

Segundo a autora:

[...] as experiências relacionadas ao espaço coletivo encontram-se cada vez mais restritas, também em decorrência da ilusão, criada pelos meios de comunicação, de que o sujeito participa do mundo público e das mais variadas situações reproduzidas no seu instrumento midiático (SOUZA, 2003, p. 85).

Por ocasião dos processos históricos que desenvolveram e massificaram a televisão no Brasil, três famílias concentram os meios de comunicação e dominam o mercado: família Marinho, Rede Globo; família Saad, Grupo Bandeirantes; e família Abravanel, SBT; além da Rede Record, controlada por Edir Macedo. Contudo, apesar de serem estruturas empresariais fortes, estas empresas não conseguem impor a si um modo próprio de produção, autônomo, o qual tenham controle do que produzem. Doutra forma, são reféns de lógicas de produção comercial, associada à busca por audiência que se converte em anúncios e ingresso de receita (GRIJÓ, 2014, p. 281).

3. MÍDIA E VIOLÊNCIA

Os meios de comunicação (os *media*, ou como temos aqui chamado "a mídia") não são um fenômeno que se constitui isoladamente. A televisão, como componente importante na mídia, participa daquilo que Hasebrink e Hepp (2015) chamam de "configurações comunicativas". Os autores se utilizam deste conceito como um elemento intermediário para trabalhar o conceito de "mídiatização", estudado por ambos.

Mídiatização é descrita como "[...] um conceito que analisa criticamente (a longo prazo) a inter-relação entre as mudanças das mídias e comunicação, por um lado, e as mudanças da cultura e sociedade por outro" (HASEBRINK e HEPP, 2015, p.76). Ao se falar de mídiatização, está em discussão como a mídia dialoga com a cultura através do tempo, transformando-a e transformando-se na medida em que mídias (modos de comunicação) nascem, reinventam-se e modificam as interações humanas e culturais, em especial no que diz respeito à atualidade, onde os meios de comunicação estão mais democráticos (redes sociais, por exemplo), permitindo ampla participação e transformação social. Pesquisa em mídiatização é tarefa complexa, pois, "[...] conectada a esse termo está não apenas a ideia de que mídia tem certa *especificidade*, que exerce uma *influência* na cultura e na sociedade: o termo também sugere um processo de mudança" (HEPP, 2014, p.46).

À violência reservam-se uma série de significações e conceitos a partir de contextos, autores ou instituições que a observam. Pode-se falar de violência simbólica, física, sexual, de gênero, étnica, institucional, cibernética, e uma vasta gama de tipologias. Para a Organização Mundial da Saúde, violência é:

Uma noção referente aos processos e às relações sociais interpessoais, de grupos, de classes, de gênero, ou objetivadas em instituições, quando empregam diferentes formas, métodos e meios de aniquilamento de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhes danos físicos, mentais e morais (World Health Organization. Global consultation on violence and health. **Violence: a public health priority**. Geneva: WHO; 1996).

Violência **simbólica** que atinge os indivíduos frequentemente em suas relações, "é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la" (BOURDIEU, 1997, p. 22).

A face mais imediata da violência é a **agressão física**, atingindo diariamente o homem naquilo que possui – corpo e bens materiais – ou seus próximos – amigos, família etc. (ODÁLIA, 1983). Para o autor, trata-se da violência original da qual se deriva todas as outras. Ele expõe que tal tipo de violência contra o corpo existe desde a Antiguidade Clássica (Grécia e Roma), quando escravos serviam cidadãos para que estes pudessem ocupar plenamente o seu tempo em atividades como o pensamento, observação do mundo, filosofia, desenvolvimento rudimentar das ciências. Transpassa a Idade Média, nas relações de suserania e vassalagem, chegando à Idade Moderna, o período colonial brasileiro onde escravos negros africanos e índios tupiniquins eram sumariamente violentados; agredidos por serem considerados sem alma:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, uma reação, como um fato, que possuam estrutura facilmente identificável. O contrário, talvez, fosse mais próximo da realidade. Ou seja, o ato violento se insinua, frequentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violência demanda do homem esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas (ODALIA, 1983, p. 22-23).

O autor ainda conceitua a violência das seguintes formas:

- **Institucionalizada:** quando a desigualdade passa a ser ato rotineiro, comum na vida do homem em sociedade, isto é, quando certas condições e acessos a serviços, ou quando mesmo as leis são acessíveis, disponíveis, usufruto de alguns em detrimento do todo. A institucionalização da violência seguida da desigualdade não ocorre pelo fato de o homem ser mau por natureza, mas por ter sido criado em sociedades que estimulam a concorrência, onde o outro não é um semelhante, mas um concorrente direto por recursos. “As leis consagram os limites de violência permitidos a cada sociedade” (ODALIA, 1983, p.37) e,
- **Social:** presente em todas as partes quando se abre o jornal ou se liga a televisão. Trata-se de descasos sociais de toda sorte, discriminações étnicas, sexuais e profissionais, preconceitos políticos, pessoas vivendo lado a lado com a morte etc., situações que se banalizam pela frequente repetição cotidiana.

A violência muda com o tempo. Processos históricos conferem ressignificações ao termo a partir de contextos específicos de nações, povos, grupos

identitários, culturais etc. Wieviorka (1997) trabalha com o conceito de violência no estado atual de globalização a partir de conjunturas históricas do final da década de 1960 e início dos anos 1970. Àquela época, segundo o autor, a violência estava vinculada particularmente a ideologias políticas de extrema-esquerda ou extrema-direita, objetivando fortalecer ou derrubar os Estados Nacionais. Uma vez suprimidas as tentativas de golpes, rebeliões e revoltas internas, a violência muda seu aspecto.

Com a mundialização impulsionada, sobretudo pela economia e a abertura de fronteiras para capitais e pessoas, a violência se ocupa em proteger as identidades culturais:

[...] o elemento mais espetacular da renovação da violência hoje é dado pelas referências crescentes de seus protagonistas a uma identidade étnica ou religiosa. Essas constituem um recurso cultural eventualmente mobilizado de maneira violenta para fins políticos, por vezes alimentando também uma barbárie homicida extrema, bem além dos simples problemas políticos (WIEVIORKA, 1997, p. 7).

Para o autor, a violência na contemporaneidade funciona como uma categoria central para apreender a vida social e as relações internacionais. Os atores sociais envolvidos em desejos e necessidades – ou em posições de abundância político-econômicas – lutam para alterar ou manter o *status quo*:

Com efeito, esta última (a violência), se alimenta, no mínimo indiretamente, das desigualdades e da exclusão que se reforçam com o mercado generalizado, a livre iniciativa, o rigor orçamentário e o livre-comércio, e é sensível às evoluções que tornam a troca mais importante do que a produção e que ameaçam o trabalho, tanto do ponto de vista de seu significado central, enquanto sentido da experiência humana, como enquanto fator estreitamente associado ao crescimento (WIEVIORKA, 1997, p. 17).

Tratando os programas televisivos que reproduzem massivamente a violência como um *show*, podemos analisá-los como produtos consumidos por uma parcela da sociedade. Desta forma, é possível aproximar, adaptar o **conceito de espetáculo** e suas variantes (a espetacularização, o espetacular), àquele revisado em *A Sociedade do Espetáculo*. Debord (1979) aborda o espetáculo do ponto de vista primariamente econômico, ao perceber um mundo em que a produção e reprodução de produtos se dão em larga escala – desde as Revoluções Industriais da Europa nos séculos XVIII e XIX até a contemporaneidade – e um grande apelo publicitário ao consumo que atinge as classes sociais.

Para o autor, a realidade tornou-se uma grande representação imagética oriunda do consumo abundante de bens (muitos deles supérfluos), sendo o espetáculo uma afirmação da vida social sob simples aparências:

O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. É o autorretrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência. A aparência fetichista de pura objetividade nas relações espetaculares esconde o seu caráter de relação entre homens e entre classes; uma segunda natureza parece dominar o nosso meio ambiente com suas leis fatais. Mas o espetáculo não é esse produto necessário do desenvolvimento técnico olhado como um *desenvolvimento natural*. A sociedade do espetáculo é, pelo contrário, a forma como escolhe o seu próprio conteúdo técnico. Se o espetáculo, considerado sob o aspecto restrito dos **meios de comunicação de massa**, que são a sua manifestação superficial mais esmagadora, pode parecer invadir a sociedade como uma simples instrumentação, esta não é de fato nada neutro, mas a instrumentação mesmo que convém ao seu auto movimento total (DEBORD, 1979, p. 21-22).

Uma vez que o indivíduo não consegue participar do espetáculo do consumo, a violência,

[...] pode assumir uma feição extrema, ilimitada, relacionada com um desejo, frustrado, de aceder aos frutos da modernidade e sem que se trate de utilizá-los como recurso para alcançar determinados fins. Isso a aproxima de condutas informadas pela raiva de não ser reconhecido, pelo sentimento de uma injustiça vivida, pela interdição de o indivíduo tornar-se sujeito [...] (WIEVIORKA, 1997, p. 23).

O espetáculo descrito por Debord, mesmo que sendo uma imposição dominadora, totalitária, opressora, existe como tal porque tem a convivência – ainda que de forma inconsciente, alienada – da sociedade. No campo midiático espetacular esta situação é visível na medida em que os programas que transmitem a violência como um show não existem por si só, precisam do outro lado, isto é, do telespectador cativo que reserva aquele horário do seu dia para assistir ao que lhe convém, ao mesmo tempo em que a mídia massiva transmite o que lhe convém, aparente ou ocultamente. A origem do espetáculo:

[...] é a perda da unidade do mundo, e a expansão gigantesca do espetáculo moderno exprime a totalidade desta perda: a abstração de todo o trabalho particular e a abstração geral da produção do conjunto traduzem-se perfeitamente no espetáculo, cujo *modo de ser concreto* é justamente a abstração. No espetáculo, uma parte do mundo representa-se perante o mundo, e é lhe superior. O espetáculo não é mais do que a linguagem comum desta separação. O que une os espectadores não é mais do que uma relação irreversível no próprio centro que mantém o seu isolamento. O espetáculo reúne o separado, mas reúne-o *enquanto* separado (DEBORD, 1979, p. 24).

No sentido econômico, o autor apresenta o espetáculo como mercadoria, isto é, a produção em massa de bens de consumo que se traduz numa linguagem espetacular que aliena a realidade, onde o que importa – outrora a qualidade – é a questão quantitativa do que se produz em produtos e imagens. Assim, chega-se ao ponto em que “o espetáculo é o momento em que a mercadoria chega à *ocupação total da vida social*” (DEBORD, 1979, p. 28). Segundo o autor,

É a *unidade da miséria* que se esconde sob as posições espetaculares. Se as formas diversas da mesma alienação se combatem sob máscaras da escolha total, é porque elas são todas identificadas sobre as contradições recalcadas. Conforme as necessidades do estado espetacular da miséria, que ele desmente e mantém, o espetáculo existe sob uma forma *concentrada* ou sob uma *forma difusa*. Nos dois casos, ele não é mais do que uma imagem de unificação feliz, cercada de desolação e de pavor, no centro tranquilo da infelicidade (DEBORD, 1979, p. 37).

Para Wiewiorka (1997), o paradigma contemporâneo da violência está voltado para o indivíduo, e é a partir deste que ela deve ser refletida. O indivíduo moderno, inserido no contexto da mundialização da economia:

Quer participar da modernidade, do que ela oferece, do que ela promete, do que ela mostra através dos meios de comunicação e das solicitações de um consumo de massa cujo espetáculo está doravante mundializado. Ele tem a intenção de consumir, continuar a consumir se já o fez, começar a fazê-lo se ele ainda não o pôde. Por outro lado, o indivíduo quer ser reconhecido como sujeito, construir sua própria existência, não ser totalmente dependente de papéis e normas, poder distanciar-se deles sem ser, no entanto obrigado a fazê-lo. Ele pretende, por exemplo, efetuar escolhas que o autorizem a referir-se a uma identidade coletiva, sem estar totalmente subordinado a ela, produzir-se, e não somente reproduzir-se (WIEVIORKA, 1997, p. 23).

A partir do indivíduo, a violência pode se verificar de maneira infra ou metapolítica. **A violência infrapolítica** visa manter o Estado distante, a fim de dedicar-se a atividades econômicas criminosas, como tráfico de drogas ou órgãos humanos, controle de territórios considerados lucrativos para atos infracionais etc. (WIEVIORKA, 1997, p. 30). É o caso, por exemplo, de gangues urbanas. De acordo com o autor, a importância deste tipo de violência no mundo contemporâneo “deriva do fato de que ela parece bem mais ligada ao enfraquecimento dos Estados e a práticas referentes ao crime organizado, e mesmo à criminalidade mais banal” (WIEVIORKA, 1997, p. 32).

É verdade que alguns traficantes são vistos em nível local, sobretudo nas zonas de produção de drogas, como benfeitores que trazem recursos, renda, e mesmo em alguns casos, garantias mínimas, por exemplo, em matéria de saúde; que, muitas vezes, criminosos são o objeto de um

juízo mais positivo por parte da população dos lugares onde surgem do que o Estado, as instituições e seus representantes. Mas é difícil de aplicar aos atores do crime organizado o papel pré-político de anunciadores de uma contestação popular, ou de ver aí uma figura comparável ao do bandido social, tal qual foi analisado por Eric Hobsbawm (1968). (WIEVIORKA, 1997, p. 32).

A **violência metapolítica** é descrita como vetor de significados inegociáveis, intransigentes, cargas religiosas, ideológicas ou éticas que parecem absolutas. Os problemas que ela mira são vitais ao ponto de o ator desta violência dar a própria vida à causa que acredita:

Quando a comunicação internacional difunde nos lugares mais afastados as imagens da felicidade à moda ocidental, quando o consumo dos bens materiais e culturais é um espetáculo cotidiano, televisionado, ou perceptível nas vitrines de lojas, na verdade inacessíveis, quando o acesso ao dinheiro e aos frutos da ciência e do progresso é subitamente recusado ou perdido, e que o sentimento de uma imensa frustração social se sublima em convicções religiosas, nacionais ou étnicas, então **é possível que a violência se apodere do ator**, mobilizando-o em torno de projetos políticos em que a identidade torna-se um recurso, e em que o político está subordinado às exigências de Deus ou da Nação (WIEVIORKA, 1997, p. 33, grifo meu).

Estas violências – infra e metapolítica – são a marca do individualismo moderno, fazendo com que cada pessoa, mesmo jovem, seja “seja suscetível de existir enquanto indivíduo-consumidor e como sujeito” (WIEVIORKA, 1997, p. 36).

No que concerne aos programas televisivos, estes são locais nos quais as emissoras emitem seus interesses, mediante interesses maiores – muitas vezes de grupos políticos ou empresariais – através de mensagens, notícias, reportagens etc. A mensagem pode estar aparente ou oculta, ser fútil ou preciosa, tudo de acordo com a vontade dominante na estrutura de poder do *mass media*.

No Brasil, violência na mídia não é fenômeno recente. Na década de 1960 estava no ar o programa *O homem do sapato branco*, de cunho sensacionalista (mas ainda não totalmente policialesco), que discutia na TV as mazelas da Grande São Paulo. No final da década de 1980 estreava o *Cadeia*, em Londrina/PR, o qual, devido à grande audiência, passou a ser transmitido para todo o Estado do Paraná e, em 1992, para todo o país pela TV CNT Gazeta. Em 1991, pelo SBT, estreava o *Aqui Agora*. É na década de 1990 que explode o número de programas policiais na televisão brasileira. Conforme Alves (2003, p. 37). “o interesse da mídia pelo crime aumenta nesse período em todo o país, e a empreitada televisiva de programas policiais marca os anos 90”.

Neste período, a violência também tem um grande crescimento decorrente da situação socioeconômica difícil do país e baixos indicadores sociais (ALVES, p. 32-33). A televisão explora o cenário de crimes Brasil afora e, assim, surgem programas policiais, tais como:

- Barra Pesada, TV Jangadeiro (afiliada SBT no Ceará), 1990;
- Aqui Agora, SBT, 1991;
- Bandeira 2, TV Difusora (afiliada SBT no Maranhão), 1992;
- 190 Urgente, CNT Gazeta, 1996;
- Rota do Crime, TV Manchete, 1996;
- Cidade Alerta, Rede Record, 1996;
- Brasil Urgente, TV Bandeirantes, 1997;
- Linha Direta, Rede Globo, 1999.

Dentre outros, em nível regional e nacional.

Os programas policiais foram estimulados por contextos políticos específicos, que visaram o endurecimento das políticas criminais, como parte dos investimentos no quadro do neoliberalismo notados na Inglaterra, nos Estados Unidos e reproduzidos em países como o Brasil (ALVES, 2003, p. 41).

Os noticiários policiais passam a atuar como promotores de políticas de encarceramento e punição aos crimes veiculados, além de produzir sensação de insegurança a quem os assiste:

Os programas se apoiam na ideia de combater a criminalidade tal como uma instância pública de prestação de serviços e cidadania, promovem o trabalho da polícia e da justiça, e em troca ganham imagens, conteúdo, e credibilidade para advogar em torno da questão da segurança pública, garantindo, assim, seu lugar na programação e na audiência (ALVES, 2003, p. 46).

Diante de diversos programas policiais com sucesso e longa existência na televisão, reinventando-se com o passar do tempo, o jornalismo convencional experimentou o fenômeno policialesco também. Ainda na década de 1990, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, foi influenciado pela “proliferação do sensacionalismo”. Segundo Bucci:

Depois da estreia do *Aqui Agora*, o *Jornal Nacional* passou a fazer concessões à cobertura de crimes violentos, carregando nas tintas das reconstituições de homicídios e sequestros, usando atores contratados para aumentar a dramaticidade do fato. À sua maneira, o telejornal convencional participou e aprofundou a banalização da violência e abriu mais espaços

para assuntos policiais. Guardadas as proporções, também entrou na onda (BUCCI, 2001, p. 72).

O autor critica negativamente os programas policiais que surgiram na TV na década de 1990. Bucci acredita que tais programas contribuam para a brutalidade policial, amparada e respaldada pela notícia. “Desconfio que o sensacionalismo policial na televisão contribuiu para o aumento da brutalidade dentro da própria polícia” (BUCCI, 2001, p. 72). Para ele, há uma espécie de parceria viciosa entre as polícias e o espetáculo:

A atitude servil diante das câmeras, a escravização do policial pelo espetáculo, há de ser a expressão de alguma coisa. É razoável supor que ela expresse o que a corporação acalenta como autoimagem. E se assim for, é também razoável supor que essa autoimagem é violenta e que ela encontra ressonância na lógica dos programas sensacionalistas. Eles vieram estabelecer uma parceria viciosa: os policiais ganharam visibilidade entrando no papel de heróis da força bruta; e as câmeras do sensacionalismo ganharam imagens gratuitas atrás das viaturas, ou se alojando dentro delas (BUCCI, 2001, p. 72).

Os programas policiais e toda sua sistemática até aqui demonstrados não existiriam sem o telespectador. Entretanto, por que ganharam espaço na televisão e obtiveram êxito? Segundo Fuccia (2008, p. 15), citado por Alves, Medeiros, e Menezes (2009, p. 7),

Claro que existem mais razões para o crescente aumento da cobertura policial e todas elas somadas geram, talvez, o principal motivo para os meios de comunicação dedicarem cada vez mais espaço ao noticiário criminal: o interesse pelo assunto por grande parte da audiência (FUCCIA *apud* ALVES; MEDEIROS; MENEZES, 2009, p. 7).

O interesse move o ser humano na direção do que deseja. O interesse por violência contribui para sua preservação. Nesse sentido, a violência tem grande espaço na mídia, em especial na televisão, por conta do dinamismo que este meio tem por característica. Sintonizar determinado canal e assistir ao programa policial de sua preferência se insere nesta lógica de informação, consumo e lazer, lógica da qual faz parte o jornalístico Balanço Geral RS, objeto de estudo deste trabalho, o qual será tratado a seguir.

4. BALANÇO GERAL RS: DISCURSOS QUE O CATEGORIZAM PARA ALÉM DE UM PROGRAMA POLICIAL

O programa Balanço Geral RS, exibido de segunda a sexta das 12h às 15h¹, é o objeto de estudo deste trabalho, concomitantemente com a análise de discurso proveniente dele. No ar desde 2007 pela Record TV RS, o programa reúne notícias, prestação de serviço e entretenimento; uma fórmula de sucesso nestes 10 anos de exibição. Tem como apresentador-âncora principal, Alexandre Mota, substituído eventualmente por Voltaire Porto e, mais eventualmente ainda, por André Haar.

Mas o que é o Balanço Geral RS? Para responder estas e outras perguntas entrevistei José Ferraro, Editor-Chefe do Balanço Geral RS, atuando no programa há nove anos. Ferraro fora meu interlocutor na pesquisa empírica, realizada em novembro de 2017, na sede da Record TV RS. Suas falas, a partir de entrevista semiestruturada, resultaram no total de uma hora de áudio², que se pode caracterizar como valioso banco de dados qualitativo para análise neste trabalho e posteriores.

O Balanço Geral RS:

É um programa jornalístico, **em primeiro lugar**, com notícias policiais e com entretenimento. Às vezes ainda é difícil fazer com que os próprios jornalistas, inclusive os próprios jornalistas que fazem o Balanço Geral entendam isso, porque é uma proposta que, embora ela seja antiga, já existem programas que nem o Balanço Geral que juntam entretenimento com o jornalismo - como eu disse, ele é um programa jornalístico com entretenimento também -, que já existiam em outras emissoras, teve o Aqui Agora no SBT, já existia o Cidade Alerta na própria Record, o Brasil Urgente na Band. Teve no início da década de 1980, que foi um dos precursores, foi o Povo na TV, que era no SBT, então é um formato que já existe, o que foi a diferença com o Balanço Geral: embora as pessoas comentem que ele é muito policial - eu não vou dizer nem sangrento, porque a gente toma muito cuidado, pode até ter visto já, não tem imagem de sangue, a gente cuida os termos que vão ser usados na hora de exibir as reportagens, que acaba, por exemplo, nos comentários do apresentador, do Mota, não se acaba tomando tanto cuidado porque ele acaba comentando na hora ali, é o jeito dele, mas nas reportagens a gente cuida muito isso, os termos que vão ser usados pra não chocarem tanto ou pra não serem tão explícitos, até no caso quando acontece um crime a gente não fica especificando. A gente recebe as imagens da polícia, coisas são absurdas, mas a gente não fica explicando que foram tantos tiros no coração, uma facada... Não existe isso, embora tenha muita gente que fale "ah, é um programa sensacionalista" ou

¹ O programa também possui duas outras versões que não são parte deste estudo. Uma delas pela manhã, denominada Balanço Geral Manhã, é exibida entre 6h30 e 7h28. A outra é exibida aos sábados e recebe o nome de Balanço Geral Especial de Sábado, com 1h20 de duração. As informações são da RecordTV RS, disponíveis em: <<http://www.recordtvrs.com.br/grade-de-programacao>>. Acessadas em 14/12/17.

² Transcrito e disponibilizado no apêndice desta monografia.

"é um programa popular" ou "é apelativo", tem muitos adjetivos que a gente acaba recebendo: mas, por outro lado as pessoas não se dão conta do cuidado que a gente tem pra não expor nem as pessoas envolvidas e nem as pessoas que estão assistindo à crueldade, às vezes, que são determinados casos porque, infelizmente, a violência sempre foi grande aqui no Brasil, não dá pra gente negar e dizer que nunca foi, mas infelizmente está cada vez pior (FERRARO, 2017, grifo meu).

A pergunta de partida do roteiro de entrevista encaminha uma resposta ampla, elenca elementos que aparecerão em questionamentos posteriores, é uma introdução rica em história e detalhamentos acerca da Record TV RS e do programa. Contundente, Ferraro antecipa o que se procura saber na pesquisa quando, por exemplo, menciona que algumas pessoas rotulam o programa de sensacionalista, apelativo, rótulos que rejeita de imediato. O discurso introdutório de Ferraro é um posicionamento importante ao saber empírico que está em curso. É, também, uma defesa do programa, ao enfatizar que este é **“em primeiro lugar”**, programa jornalístico, com notícias policiais e entretenimento.

Todavia, na prática sua exibição contém características que remetem ao sensacionalismo. Contudo, ao se analisar mais de perto o programa, percebe-se que este procura se distanciar do espetacular, do sensacionalismo propriamente dito. O discurso de Ferraro oferece boa compreensão a respeito do modo como o Balanço Geral RS se posiciona no Jornalismo:

[...] eu ter um programa jornalístico ou policial, como é o caso do Balanço Geral, só pelo simples fato dele ser policial, não quer dizer que ele seja sensacionalista. Da mesma, a gente toma o máximo de cuidado, dificilmente a gente diz que uma criança ou uma mulher foi estuprada, nós falamos que ela foi abusada. Hoje mesmo a gente teve um *link* de um caso num ônibus, esses intermunicipais aqui de Porto Alegre pra Cachoeirinha, em que a mulher estava sentada no ônibus, o cara estava do lado dela – que foi o mesmo caso que aconteceu no *Uber* semana passada, o do *Uber* foi o motorista – e ali um cara sentou do lado dela, começou a se masturbar, e ejaculou nela. Tu vai ver isso até na Globo News e nas rádios eles acabam falando a palavra 'masturbação', 'ejacular'. Nós dissemos hoje e da outra vez pura e simplesmente que a pessoa tinha sido abusada. Então, eu questiono o fato de, por exemplo, o caso das crianças que foram mortas em Novo Hamburgo, faz um tempo já. Foi encontrada uma cabeça, na época até a gente anunciou que era de uma mulher e de uma criança. Depois foi se descobrir duas cabeças de duas crianças, dois corpos, sem as cabeças. Isso já faz uns dois meses. E não se tem notícia do sumiço das crianças, ninguém disse que as crianças sumiram, nada, não se sabe quem elas são. E ontem encontraram o crânio das crianças em São Leopoldo. Em momento algum a gente disse que as crianças estavam sem cabeça, que tinham sido esquartejadas, que se suspeita de magia negra, também não se falou. A gente disse que parte do corpo foi encontrada, e agora a gente falou que parte do corpo foi encontrada também, a gente não especificou que era a cabeça, em determinado momento nós falamos que era o crânio. Mas quando acontece tiro, os corpos, a gente põe *blur*, se alguém é assaltado, se houver uma gota de sangue no chão a gente não usa a imagem. Então, o que é ser sensacionalista, eu acho que a gente seria sensacionalista se a

gente ficasse intensificando isso, ai sim. Agora, o fato de eu noticiar, não (FERRARO, 2017).

No entanto, mesmo com os cuidados citados por Ferraro que o programa tem para se distanciar do espetacular, do sensacional e se colocar numa categoria diferente destas, é inviável eximi-lo totalmente desta alcunha. O Balanço Geral RS possui elementos característicos do gênero, a citar, por exemplo, seu estilo popular:

A imprensa popular expressa-se *como o povo* – já que se apoia nos coloquialismos da linguagem, faz uso de vocabulário gírio etc.; e dirige-se *para o povo* – pois não só atende à expectativa comunicativa do leitor popular, que é a do entendimento imediato da informação, mas também aborda temas que fazem parte do seu cotidiano e são de seu interesse (DIAS, 1996, p. 108).

O conceito de imprensa popular é corroborado com o discurso de Ferraro ao situar que:

[...] A forma de noticiar (do Balanço Geral RS) é mais popular, mas eu não estou deixando de noticiar o fato que o Jornal da Record ou o Jornal Nacional ou o Jornal do SBT vão noticiar, claro que nos assuntos mais formais, sim, mas ai há outro detalhe, eu tenho um jornal ao meio-dia, eu não estou fazendo um jornal noturno, em que – ai, sim -, cabe eu falar de uma questão mais formal e mais burocrática de economia ou de política, apesar de ser um telejornal, um programa jornalístico no caso, não um telejornal, ele é um programa jornalístico com entretenimento também. (FERRARO, 2017).

Tanto o *Notícias Populares* – jornal impresso que serviu como objeto de estudo para o trabalho de Dias e encerrado em 2001 – quanto o Balanço Geral RS utiliza de estratégias para acentuar as emoções dos públicos que os consomem, porém sempre buscando o distanciamento do rótulo sensacionalista. O *Notícias Populares*, por exemplo, dizia-se sensacional, ao invés de sensacionalista. Segundo a autora,

Tal formulação, de aparente sutileza, busca distinguir sensacionalismo de notícias sensacionais, ou seja, atribui ao jornal a qualidade de apresentação de fatos que chamam a atenção pelo ineditismo e rejeitam o expediente de se valerem de uma forma de comunicação que apela para as emoções e cujo intuito, normalmente, é chocar, escandalizar (DIAS, 1996, p. 95).

Inserido nesta lógica de mídias populares, o Balanço Geral RS empenha esforços para se distanciar de preconceitos e apresentar ao público um telejornal crível, confiável, mesmo ciente, internamente, de suas particularidades que o situam junto ou próximo do espetacular.

4.1 Formato do Programa

Cientes de que o Balanço Geral RS é, em primeiro lugar, um programa jornalístico, o mesmo é estruturado da seguinte forma:

- **Início:** às 12h o programa inicia com apresentação das notícias que serão veiculadas no dia. São apresentadas imagens e *links* ao vivo com repórteres que participaram das respectivas coberturas. Segue com a veiculação de algumas destas até o espaço destinado ao Balanço na Rede.
- **Balanço na Rede:** é a parte esportiva do Balanço Geral. Com cerca de 10 minutos de duração, sendo exibido aproximadamente às 12h40, aborda o esporte estadual, com destaque amplo para o futebol de Grêmio e Internacional. É apresentado por Nando Gross.
- **13h:** nesta faixa horária o programa exhibe as notícias mais importantes do dia. Alexandre Mota saúda novamente a audiência, permitindo entender que agora mais pessoas estão sintonizadas na Record TV RS. Seguindo até às 14h30 é, por assim dizer, a faixa nobre do Balanço Geral RS.
- **Hora da Venenosa:** apresentado por Mônica Fonseca e co-apresentado por Mota, a Hora da Venenosa apresenta o noticiário dos famosos, isto é, atores, cantores, esportistas, personalidades artísticas em geral etc. O que acontece na vida dos famosos é exibido de forma descontraída. Com início às 14h30, é a última meia hora do Balanço Geral RS, o momento de fechamento do programa.
- **Minuto da Oração:** o Minuto da Oração é uma inserção religiosa dentro do programa em que um bispo ou pastor da Igreja Universal do Reino de Deus³ faz uma prece junto da audiência presente.
- **Hora da Venenosa (parte final):** a Hora da Venenosa volta para sua participação final e realiza o fechamento do Balanço Geral RS às 15h.

A estrutura assim formatada permite inferir que o programa – bem como a rede de televisão – participa daquela lógica comercial da TV descrita por Grijó (2014). É possível depreender também que a disposição do programa pretende

³ Edir Macedo é proprietário do Grupo Record e um dos fundadores da Igreja Universal do Reino de Deus. Infere-se que a inserção do “Minuto da Oração” está relacionada a este fato.

fortalece-lo perante a concorrência que, durante as três horas diárias do mesmo, transmite: Jornal do Almoço, Globo Esporte, Jornal Hoje, Vídeo *Show* (RBS TV⁴); SBT Rio Grande, SBT Esporte, Chaves, (SBT RS⁵); Jogo Aberto, Donos da Bola RS, Band Mulher (Band RS⁶).

Em relação ao campo comercial, o Balanço Geral RS possui, além dos tradicionais comerciais de TV transmitidos entre um bloco e outro, forte inserção comercial dentro do jornalístico, prática de *merchandising* denominada *Product Placement*.

Product Placement “é o uso de um produto, marca ou serviço em um programa de televisão, evento ou filme” (REGIOLI e SALES DE LIMA, 2015, p.130). Os anunciantes passam a associar seus produtos a determinados programas televisivos ou apresentadores ou personagens famosos, visando vendê-lo com mais facilidade. Anunciar dentro de um programa televisivo significa dar credibilidade ao que se anuncia; credibilidade esta que o programa, em tese, possui. Esta prática de *merchandising* é comum no campo televisivo. Isto se explica pelo fato de “a multiplicidade de canais e programas de TV disponibilizados por canais públicos e privados, o telespectador procura não assistir os comerciais convencionais entre o intervalo da programação” (DE LIMA e REGIOLI, 2015, p. 140). O Balanço Geral RS é apenas um entre inúmeros programas em que ela ocorre.

Falar de *merchandising* permite também falar do público-alvo e, conseqüentemente, do perfil de telespectadores que assistem ao programa, um dos objetivos deste trabalho. Segundo Ferraro, o perfil dos telespectadores está diretamente relacionado ao horário em que o Balanço Geral RS é exibido. Desta forma, quem assiste ao programa com mais frequência são: pessoas com mais de 40 anos, muitas delas aposentadas, que ficam em casa ou vão almoçar em casa. O jovem, por sua vez, não é parte do perfil de telespectador. Isto por que:

[...] porque eles não estão em casa, estão estudando; em segundo lugar, porque não vai interessar, e pra grande parcela ou boa parcela deles, não vão assistir porque o foco é diferente também. O programa acaba pegando - como ele pega pelo lado emocional também -, ele vai pegar muito mais a minha mãe, a minha vó, a minha tia, o meu tio, do que uma pessoa de 20 anos (FERRARO, 2017).

⁴ Programação disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/programacao.html>>. Acesso em 14/12/17.

⁵ Programação disponível em: <<http://www.sbt.com.br/tv/portoalegre/programacao/>>. Acesso em 14/12/2017.

⁶ Programação disponível em: <<http://www.band.uol.com.br/tv/rs/programacao.asp>>. Acesso em 14/12/2017.

O sucesso do programa pode ser aferido por números. Mesmo com a grande concorrência regional, os índices de audiência estão subindo. Segundo a Record TV RS⁷, em matéria publicada em maio de 2017 no site da emissora, o Balanço Geral RS encerrou o mês de abril de 2017 sendo assistido todos os dias por 344.550 telespectadores, representando 7,6 pontos de audiência e 23% de *share*, consolidando-se na vice-liderança no horário em que é exibido.

No mês seguinte (maio), novamente a emissora se manteve na segunda posição do mercado. O Balanço Geral RS obteve média de 22% de *share* e foi assistido por 331 mil telespectadores diariamente. A informação também é de autoria da Record TV RS⁸, em seu *site*, datada do mês de junho de 2017. Ambas as aferições são do Kantar IBOPE.

Quando perguntado, Ferraro responde que o sucesso do programa se deve à sua linguagem mais popular e acessível. O Balanço Geral RS inaugura uma tradição porto-alegrense, e gaúcha como um todo, de **programas jornalísticos de polícia**. Nas palavras do editor-chefe, violência (infelizmente) atrai atenção. E faltava na programação televisiva alguém que expusesse a violência de maneira a informar e ao mesmo tempo cobrar providências do Estado.

Outro destaque para o sucesso alcançado está na prestação de serviço que o programa faz ao denunciar buracos nas ruas, falta de saneamento básico etc., isto somada à interação com os telespectadores por meio das redes sociais, sugerindo reportagens que em boa parte são realizadas.

Analisando do momento presente parecem questões óbvias abordadas pelo programa. Vale lembrar, porém, que este formato tem início em 2007, quando a interatividade entre mídia e audiência era majoritariamente feita por ligações telefônicas. O Balanço Geral RS quebra paradigmas do jornalismo gaúcho com sua estreia, ocupa um lugar desocupado ou despercebido pela mídia, influencia a concorrência a se reinventar ou até mesmo a reproduzir o jornalismo policial: “Se eu fizer uma matéria sobre os assaltos que estão acontecendo no centro de Porto Alegre, direta ou indiretamente vai afetar a vida de todo mundo. Isso é um dos segredos do sucesso do programa” (FERRARO, 2017).

⁷ Ver <<http://www.recordtvrs.com.br/imprensa/record-tv-rs-mantem-bons-resultados-de-audiencia-09052017>>. Acesso em 14/12/2017.

⁸ Ver <<http://www.recordtvrs.com.br/imprensa/record-tv-rs-registra-mais-um-mes-na-vice-lideranca-de-audiencia-05062017>>. Acesso em 14/12/17.

4.2 Discursos do apresentador

O sucesso do programa também passa por Alexandre Mota, jornalista “extremamente inteligente”, diz o editor-chefe. À frente do Balanço Geral RS praticamente desde sua origem em 2007, Mota conduz o jornalístico com a razão e a emoção. Como âncora, Mota tem liberdade para comentar cada assunto que vai ao ar, fazendo de seus discursos característica própria e marca registrada do programa. Vejamos alguns destes discursos e como eles estão situados no contexto histórico.

Reportagem: policiais civis entrando em greve.

Com o parcelamento dos salários dos servidores públicos estaduais entrando no 23º mês seguido, os policiais civis declaram greve como forma de protesto contra o Estado. Antes deles, os professores do ensino público estadual já se encontravam em greve. Mota comenta:

Que barbaridade... E o Balanço Geral há duas semanas, há 15 dias mais ou menos, 15 dias, nós do Balanço Geral já havíamos antecipado a informação dessa greve hein! Ainda no meio da grev-, no meio né do, já dava o que, 15, 20 dias da greve do professorado da rede pública e eu já alertava sobre, né, a ideia da polícia civil de entrar em greve e também sobre o movimento que está cada vez mais forte dentro da Brigada Militar por um aquartelamento, ou seja, se nós já estamos com as escolas estaduais ai, com uma adesão de mais de, cerca de 75% de adesão da greve de professores da rede pública estadual, que no dia 5 passado completou o primeiro mês, e agora essa greve iniciada hoje, né, hoje é dia 9, portanto até a semana que vem, até a outra né, até a semana que vem essa greve da polícia civil deve continuar. A Brigada Militar também pode aquartelar a qualquer momento, heim. Então, imagina, se a situação tá complicada agora imagina sem, né, bom as escolas já estão paradas ai, né, os professores já estão paralisados. Então imagina a situação! E o Go-, e cabe a quem, só o Governo pode resolver essa situação! É muito óbvio que é extremamente justo o motivo da greve dos agentes escrivães da polícia civil. Muito justo, muito justa. Muito, a paralisação é completamente justa. E como não tem apresentador em cima do muro aqui, é lógico que eu apoio. Eu sei que isso, a gente fica com medo, poxa Mota, a gente já vive um avalanche de violência, como é que fica sem polícia civil? Vão prestar inclusive, vão prestar serviço, registros de casos considerados de menor gravidade, como ofensas, furtos, bom... Roubos, roubo não é considerado de menor gravidade. Mas acidente de trânsito sem feridos, né, perdas, perturbação, ameaça e outras ocorrências podem ser registradas na delegacia online, tá? Endereço está aí embaixo da tela óh, www.delegaciaonline.rs.gov.br. Agora, voltando, é lógico que, tem que apoiar, porque a gente sabe a dificuldade que os agentes que enfrentam a violência ai diuturnamente, né, que estão ai dando a cara a tapa, e às vezes o peito né, pra uma bala, pra uma bala atingir, a gente sabe muito bem como é o dia a dia dos professores, dos policiais civis, o mesmo eu digo com relação aos brigadianos e os outros servidores públicos. Agora, ao mesmo tempo, ao mesmo tempo tem uma saída, né, sobre essa questão ai dos servidores. Tá na hora, pra começar, né, a gente fala muito em corrupção, né? Eu andei dando uma pesquisada sobre a questão de aposentadorias milionárias. Tem muita gente ai dentro do próprio Executivo, como também do Legislativo e do Judiciário com

aposentadorias milionárias. Tem que acabar com essas aposentadorias milionárias. E a maior queixa quando se fala em parcelamento *"Mota, por que que o Legislativo e o Judiciário não estão parcelando o salário dos servidores?"* Isso também é justo, porque só, quem tá pagando as contas 23 vezes são só os servidores do Executivo, principalmente aqueles que ganham menos, como professores, policiais civis e brigadianos... É lamentável.

"Boa tarde, Mota, por que ninguém mexe no salário do Judiciário?" Porque mexer no Judiciário é mexer no vespeiro, é bem isso. Eu quero ver se, se vai ter alguém no Governo, na cúpula, que vai querer peitar Judiciário, ah, quero ver isso acontecer! Nunca... Isso nunca vai acontecer. Eu já vi isso acontecer em outro Estado, no Mato Grosso, na época o governador era o tucano Dante Martins de Oliveira, o homem das Diretas Já, e quando ele mexeu no repasse, no duodécimo do Legislativo e do Judiciário quase que caiu. Quase que perde o, perde o cargo do governo. Quase que o derrubam ele do governo (Programa Balanço Geral RS, reportagem do dia 09 de outubro de 2017).

É possível perceber no comentário acima feito por Mota que, na posição que ocupa como apresentador e formador de opinião, entende que a greve dos policiais civis, bem como a dos professores é justa, apoia-as, mesmo sabendo das implicações danosas que ocorrem à sociedade quando categorias tão importantes para o desenvolvimento do Estado resolvem não trabalhar em forma de protesto. Uma vez apoiando a greve dos servidores que recebem parcelados os seus salários, solidarizando-se com estes, a crítica do apresentador se volta para o Executivo e o Judiciário, citando "aposentadorias milionárias" e "vespeiro", coisa difícil de lidar.

Com relação às críticas feitas às instituições do Estado, quando perguntado a respeito, Ferraro diz – sem nominar órgãos – que já houve pedidos para que o programa amenizasse o tom, o que revela conflito de interesses entre o público (Estado) e o privado (empresas de comunicação).

Reportagem: mãe e filho atacados por menores.

A reportagem mostra o momento em que uma câmera de segurança do centro de Porto Alegre flagra mãe e filho sendo roubados por dois menores de idade à luz do dia. O fato evidencia a falta de segurança pública na capital gaúcha e o crime sendo cometido por jovens menores de 18 anos de idade. Mota comenta:

Bom, eu já falei varias vezes aqui no Balanço: se tiver que repetir um milhão, dois milhões, um bilhão de vezes eu vou falar de novo: o termômetro de qualquer cidade com relação à segurança pública é o centro. Se não tem segurança no centro de uma cidade, o que dizer das chamadas regiões periféricas, dos bairros mais distantes? O centro histórico de Porto Alegre "tá" a Deus dará, mesmo com esforços, sim, do 9º BPM, a gente sabe, né, inclusive que o Tenente-Coronel Amorim, aí, faz o que pode, o que tem à disposição, a estrutura dele, né, é deficitária, agora, presta atenção nessa, né, nessa desgranhenta (sic) ai ó, que tá com, é uma blusinha toda estampada, essa é a menor, ela é menorzinha, tem 15 anos a

que porta a faca, né, ela estava, ela fez que estava passeando com o namoradinho, ó o gurizinho coitado ó, ó os dois aí, os dois são “menorzinho”, ela tem 15, o outro desgranhento (sic) tem 16, e ela é que fica com a faca, e ela já está em cana, ou melhor, já está na FASE, foi detida pelo 9º BPM, agora está na FASE, e essa mulher que foi atacada aí, junto com o filho pequeno, atacada por menores, conversou com a nossa reportagem. É como o caso que nós acabamos de mostrar também, de Capela de Santana, mais dois menores ai, ai tem a menina né, guria né, sobrinha do capeta, filhote do chifrudente (sic), olha aí ó, ela está com a faca, inclusive depois ela vai colocar a faca, você viu o tamanho da lâmina, não? sem dó nem piedade, a mulher com o filho de 9 anos atacada, o centro de Porto Alegre mesmo com esforço por parte da Brigada Militar através do 9º BPM, o centro de Porto Alegre hoje é um dos lugares mais perigosos, não apenas durante à noite, mas também o dia inteiro, é 24 horas, de segunda a segunda, antigamente, por causa dos inferninhos, e ainda é né, os inferninhos, que são as boates aí, que são locais de exploração sexual de menores, e venda liberada de álcool pra menores, drogas também, e que funcionam com liminares da justiça, é difícil engolir isso né, é complicado digerir essa situação, mas os inferninhos continuam dominando tudo durante a noite, eles abrem a partir das 8h, 9h, 10h, 11h da noite e vão até, até o período da manhã, eles funcionam até as 7h, 8h da manhã, mas fora isso, a questão dos inferninhos, caminhar com o celular na mão ou com bolsa na mão ou sem nada na mão tá terrível! Nem a criança, nem o guri de nove anos que estava junto com a mãe eles perdoaram. Foram pra cima da mulher, e o pior é saber que se, no caso da, foram os dois presos né, o casalzinho ai do demo, os dois filhotinhos do capeta ai, né, vão pra FASE, ela deve ir pra unidade Vila do Cruzeiro, ou pra Padre Cacique também, vão ter do bom e do melhor, do bom e do melhor, vão ter um lugar confortável pra dormir, né, vão poder aí ter aula, poder estudar com bons professores, professores que dão aulas até em colégios particulares tradicionais aqui de Porto Alegre, vão ter oficinas profissionalizantes à disposição deles, só que a grande maioria não quer saber de se regenerar, não quer saber de virar um cidadão, uma cidadã de bem, quer aprender as coisas erradas, aprende com os outros né, um ensinando o outro. É o fim da picada um negócio desses, o fim da picada. *“Cadê a guarda municipal por eles, Mota? Trabalhar nos fins de semana como a cidade trabalha, eles podem trabalhar e folga retroativa”*. Bom, a guarda municipal tá desmontada também, né, está desmontada e esse desmonte vem, vem desde o governo passado, governo, governo José Fortunati. Olha aqui ó: *“Mota, como fica o pessoal que vai para o centro procurar serviço ou para uma entrevista de emprego, precisa levar os documentos que são necessários, daí é assaltado e perde documentos?”* E a gente quando perde documento é uma “burrocracia” enorme pra poder retirar a segunda via né?! *(uma participante interpela por mostrar o rosto dos criminosos menores de idade)*. É que se eu mostro o rosto, se eu os identifico quem vai pra cadeia sou eu, eles vão pra FASE, eu vou pra cadeia, o Estatuto da Criança e do Adolescente não permite isso (Programa Balanço Geral RS, reportagem do dia 10 de outubro de 2017).

O programa está situado no contexto de alta criminalidade no Rio Grande do Sul. Dados da Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, de 2017, (SSP/RS) ⁹ corroboram o discurso do apresentador quando diz que os centros das cidades são o termômetro da segurança pública no restante delas. Levantamento

⁹ Disponíveis em <<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-criminais>>. Acesso em 12/12/2017.

organizado pela SSP/RS de janeiro a setembro de 2017 apresenta os seguintes índices para Porto Alegre (tabela 1) e Rio Grande do Sul (tabela 2):

Tabela 1: Indicadores criminais em Porto Alegre de janeiro a setembro de 2017

Município	Porto Alegre
Homicídio Doloso	446
Total de vítimas de Homicídio Doloso	496
Latrocínio	13
Furtos	21.071
Abigeato*	80
Furto de Veículo	2.336
Roubos	26.618
Roubo de Veículo	6.259
Estelionato	3.518
Delitos Relacionados à Armas e Munições	686
Entorpecentes - Posse	540
Entorpecentes - Tráfico	1.545

Fonte: SSP/RS - PROCERGS/SIP

Abigeato* - As ocorrências de abigeato estão contidas também na somatória das ocorrências de furto.

Tabela 2: Indicadores criminais para o Rio Grande do Sul de janeiro a setembro de 2017

Mês/Ocorrências	2017/Jan	2017/Fev	2017/Mar	2017/Abr	2017/Mai	2017/Jun	2017/Jul	2017/Ago	2017/Set	Total
Homicídio Doloso	295	263	251	223	205	199	175	178	228	2.017
Total de vítimas de Homicídio Doloso	322	284	269	240	224	224	195	194	256	2.208
Latrocínio	23	12	8	7	10	12	4	11	12	99
Furto	12.086	12.200	13.756	12.285	13.133	12.324	12.147	12.312	11.030	111.273
Abigeato*	558	613	698	689	775	698	753	763	553	6.100
Furto de Veículo	1.542	1.376	1.524	1.461	1.582	1.260	1.393	1.339	1.334	12.811
Roubos	7.435	7.630	8.263	7.215	8.241	7.704	7.705	7.341	6.608	68.142
Roubo de Veículo	1.755	1.622	1.760	1.517	1.519	1.382	1.347	1.356	1.289	13.547
Estelionato	1.405	1.499	1.732	1.419	1.557	1.453	1.447	1.521	1.166	13.199
Delitos Relacionados à Armas e Munições	526	522	650	607	600	588	586	559	534	5.172
Entorpecentes - Posse	820	786	904	881	888	968	859	1.010	853	7.969
Entorpecentes - Tráfico	598	597	922	740	920	874	805	816	676	6.948

Fonte: SSP/RS - PROCERGS/SIP

Abigeato* - As ocorrências de abigeato estão contidas também na somatória das ocorrências de furto.

Os dados apresentados confirmam a fala de Ferraro (2017) ao dizer que hoje os assuntos policiais “despencam” na frente dos interessados e que não se dá conta de tudo, ao contrário de antigamente, nos primórdios do programa,

[...] não tinha tanto caso de polícia, acontecia um latrocínio, a gente fazia a matéria do latrocínio e no dia seguinte a gente fazia o enterro da pessoa que tinha morrido, pra continuar naquele assunto porque eu tinha um jornal que eu precisava preencher o jornal com matéria de polícia, apesar de que a gente fazia serviço, como eu disse (FERRARO, 2017).

Vejamos os dados de 2008 para Porto Alegre (tabela 3) e Rio Grande do Sul (tabela 4), um ano após a estreia do Balanço Geral RS. Os dados são da SSP/RS¹⁰:

Tabela 3: Indicadores criminais em 2008 no município de Porto Alegre

Município	PORTO ALEGRE
Homicídio Doloso	426
Furtos	44.719
Furto de Veículo	5.661
Roubos	23.742
Latrocínio	25
Roubo de Veículo	6.864
Extorsão	140
Extorsão Mediante Sequestro	1
Estelionato	5.163
Delitos Relacionados à Corrupção	30
Delitos Relacionados à Armas e Munições	907
Entorpecentes - Posse	2.452
Entorpecentes - Tráfico	1.592

Fonte: SIP/PROCERGS

Os índices apresentados para Porto Alegre, em 2008, são bem semelhantes àqueles apresentados para a capital gaúcha no período de janeiro a setembro de 2017, não compartilhando do discurso de Ferraro sobre não haver assuntos policiais em quantidade suficiente para preencher o jornal com diferentes notícias do gênero.

¹⁰ Disponíveis em <<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-criminais>>. Acesso em 03/01/2018.

Tabela 4: Indicadores criminais para o Rio Grande do Sul em 2008

Mês	jan/08	fev/08	mar/08	abr/08	mai/08	jun/08	jul/08	ago/08	set/08	out/08	nov/08	dez/08	Total
Homicídio Doloso	149	130	150	130	136	134	121	140	164	149	162	155	1.720
Furto	18.772	17.344	18.394	17.022	17.791	17.624	18.203	18.458	17.300	18.436	16.545	16.776	212.665
Furto de Veículo	1.264	1.305	1.417	1.273	1.392	1.471	1.440	1.445	1.526	1.482	1.341	1.343	16.699
Roubos	5.132	5.169	5.428	5.468	5.449	5.276	5.325	5.693	4.928	5.160	4.699	4.499	62.226
Latrocínio	3	7	12	4	6	6	9	11	7	8	6	6	85
Roubo de Veículo	1.152	1.063	1.299	1.201	1.201	1.162	1.200	1.270	1.174	1.152	1.040	974	13.888
Extorsão	39	41	45	49	37	53	53	58	80	86	67	53	661
Extorsão Mediante Sequestro	0	1	1	0	0	0	1	3	1	1	0	0	8
Estelion.	1.506	1.307	1.539	1.565	1.424	1.402	1.468	1.455	1.410	1.340	1.192	1.397	17.005
Delitos relac. à corrupção	9	6	10	12	19	12	10	15	10	6	12	10	131
Delitos relac. à armas e munições	594	553	594	540	504	520	520	506	540	649	494	470	6.484
Entorp. Posse	551	578	487	554	544	610	598	593	681	703	588	610	7.097
Entorp. Tráfico	371	289	396	410	341	376	456	439	434	439	392	354	4.697

Fonte: SSP/SIP/Procergs

A comparação dos índices estaduais de 2008 e janeiro-setembro de 2017 são ainda mais reveladoras. Ciente de que a comparação é feita levando em conta que o período atual tem três meses menos que o anterior, os dados indicam que no passado a violência relacionada a alguns crimes era ainda maior. A categoria “furto”, por exemplo, indica total de 212.665 ocorrências para 2008 e 111.273 para janeiro-setembro de 2017. Crimes que o Balanço Geral RS costuma noticiar estão em níveis semelhantes. Em 2008 houve um total de 85 latrocínios contra 99 no atual período ainda em contabilização.

Reportagem: Transtornos por causa da chuva no RS.

Chuva forte causa estragos e inundações no Estado. Em Porto Alegre, ruas e avenidas são alagadas, trânsito engarrafado em algumas regiões; noutras, residências são invadidas pelas águas com risco de contaminação. Falta energia em pontos da cidade, árvores estão caídas, casas foram destruídas, o comércio contabiliza prejuízos, postos de saúde fecham as portas.

Neste dia o programa deu ampla cobertura aos transtornos e prejuízos causados pelo temporal que atingiu o Rio Grande do Sul no dia anterior e presente.

Vanessa Pires (repórter) atualizava as informações ao vivo do Centro Integrado de Comando de Porto Alegre. Reportagens informavam sobre os estragos ocasionados, transeuntes eram entrevistados, convidados a falar sobre o caos que se havia instalado, relatando prejuízos pessoais, Priscila Doroche (repórter) atualiza ao vivo as informações de um ponto da cidade onde um posto de saúde teve de ser fechado. Entre uma notícia e outra, não relacionadas ao temporal, informações sobre os transtornos causados pela forte chuva eram atualizadas. A interatividade com os telespectadores é bastante acentuada, pois os mesmos enviavam informações em texto e imagens a respeito do temporal em suas localidades. Parecia não ser preciso, mas Alexandre Mota convida a audiência a ser repórter do programa enviando vídeos e informações dos estragos da chuva. Mota comenta:

Agora há pouco a gente falou sobre, né, as causas dessa situação toda, são problemas que se repetem porque não há uma solução, né, as autoridades falam muito ai: "ah, vamos investir em bomba de escoamento", ao invés de só falar de bomba de escoamento tem que preparar a cidade, entendeu, sei que essas obras ai que, que evitam, né, que previnem enchentes são obras que não, não resultam em votos, porque são obras, geralmente são feitas debaixo da terra, então não são obras que você vê, olha, aquele prefeito, né, ou foi com a verba daquele vereador que se construiu aquela obra, então, geralmente, né, prefeituras investem em obra de prevenção de enchente, esses prefeitos não faturam votos, mas é importantíssimo se investir na prevenção de enchente, porque Porto Alegre, toda vez que chove é a mesma coisa, é o mesmo transtorno, os prejuízos são enormes, eu falo de prejuízo, a pessoa que deixa de, deixa de trabalhar por causa da enchente, ela vai ter o dia descontado, se não houver o bom senso por parte do patrão desconta o dia, e se, e além de descontar o dia também desconta o, o descanso semanal remunerado, então, o chamado DSR, então é bastante complicado (Programa Balanço Geral RS, reportagem do dia 11 de outubro de 2017).

O importante a ressaltar neste dia de exibição do Balanço Geral RS é a prestação de serviço que o programa oferece aos telespectadores, atualizando durante todo o início de tarde as informações sobre os estragos do temporal. O programa foi basicamente prestação de serviço público.

Nos dois dias seguintes que fecharam a semana escolhida para a análise de discurso, o jornalístico manteve-se arraigado a suas características marcantes. A prestação de serviço – atualizando as informações do temporal que ainda causava transtornos no Estado – foi bastante empregada. O jornalismo policial informando e criticando o descaso com a segurança pública, também. Na sexta-feira, 13 de setembro, o programa foi apresentado por André Haar. O apresentador, diferente de Mota, não comenta com tanta ênfase as reportagens apresentadas, atua

principalmente conduzindo os assuntos abordados e dialogando constantemente com a repórter Vanessa Pires.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância deste trabalho consiste em compreender de "dentro" do objeto como o Balanço Geral RS se posiciona no universo de programas televisivos policiais que comumente sensacionalizam a violência. A análise do discurso, a partir da entrevista semiestruturada com o editor-chefe do programa José Ferraro, traz à luz questões reveladoras sobre a produção diária do programa (o qual possui três horas na grade horária, de segunda a sexta). O que chama atenção de início, sustenta o programa e norteia a entrevista, é a negativa que o Balanço Geral RS confere sobre ser sensacionalista. Rejeita de imediato o rótulo, definindo-se como programa jornalístico com notícias policiais e entretenimento.

De fato, os cuidados que o Balanço Geral RS tem em sua produção não são vistos em demais programas com conteúdo policial – em especial os regionais –, nos quais se usa e abusa de imagens de cadáveres e pessoas ensanguentadas, não há cuidados com o texto, não há pretensão em preservar identidades, explora-se ao máximo dor e sofrimento humano - sentimentos tratados com jocosidade pelos apresentadores. Não foram objeto de estudo deste trabalho, todavia, alguns destes programas foram citados aqui.

Analisando o Balanço Geral RS ao vivo e de posse do discurso interno, observa-se que a produção se empenha em produzir um programa idôneo, afastando-se o tanto quanto possível do espetacular. Contudo, programas do gênero policial, ou jornais com notícias policiais, flertam constantemente com o sensacional, expondo situações dramáticas envolvendo pessoas e/ou Instituições em situações de tensão. Neste sentido, o Balanço Geral RS, por mais cuidados que tenha no seu desenvolvimento, pode ser considerado sensacionalista.

Entretanto, afirmar que um telejornal é sensacionalista implica desacreditá-lo, induzir o público a condená-lo (ALVES, 2003). Não é o caso do Balanço Geral RS, uma vez que, ainda que dentro desta lógica, informa e presta serviço público.

A violência que o programa apresenta e esta monografia contextualiza pode ser justificada na contemporaneidade pela falta de identidade, segregação ou esquecimento do Estado ao indivíduo contemporâneo, negação de políticas sociais, deixando-o à margem da sociedade, sujeito a conflitos em busca de pertencimento, reconhecimento (WIEVIORKA, 1997); indivíduo este inserido em uma sociedade do espetáculo a qual estimula constantemente, inclusive com o aporte da televisão, o consumo de produtos e serviços por vezes supérfluos, alienantes (DEBORD, 1979).

A violência que a televisão transmite, por sua vez, é fato de natureza que possa interessar a todos, sendo muitas vezes a televisão única fonte de informações para grande parte da população (BOURDIEU, 1997). Corroborando com a hipótese apresentada e com afirmação de Ferraro (2017), as notícias policiais que o Balanço Geral RS noticia contam com o interesse da audiência cativa, que reserva horário do seu dia para assistir o que lhe convém.

No Brasil, de norte a sul, de leste a oeste, programas policiais espetacularizam a violência na mídia televisiva. Cada qual à sua maneira imprime à violência sua visão sensacional em busca de fidelizar a audiência. Neste trabalho pôde-se apresentar o Balanço Geral RS e compreender como o programa opera imagens da violência, inserido numa lógica comercial, própria de empresa privada que visa o lucro, objetivando manter-se atraente para público e patrocinadores. Inserido em um campo de conflitos de interesses, pressão política e mercadológica, e concorrência com demais programas televisivos – características próprias da televisão citadas por Bourdieu (1997) – o Balanço Geral RS trabalha para se manter longe do espetacular. A entrevista com José Ferraro oferece respostas neste sentido, além de servir como fonte de dados para pesquisas futuras sobre o programa ou semelhantes.

O trabalho não pretende encerrar o assunto. O tema abordado aqui apresentou como o Balanço Geral RS – a partir da análise de sua estrutura e discursos no campo televisivo e da produção – se percebe como “programa jornalístico com notícias policiais e entretenimento” em meio a seus semelhantes, comumente taxados de sensacionalistas. Seu posicionamento e a entrevista obtida com Ferraro constituem fonte material para análises e desdobramentos posteriores. Conceitos como violência, sensacionalismo, mídia e discurso permitem múltiplas abordagens e interpretações em determinados contextos históricos, políticos, sociais etc., propiciando a elaboração de demais trabalhos acadêmicos no universo em que este se insere.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilson Pinto; MEDEIROS, Clarissa Pippi de; MENEZES, Matheus Rivé Boia. Jornalismo investigativo e policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade. **Anagrama**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 1-10, out. 2009. ISSN 1982-1689. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35421>>. Acesso em: 07 set. 2017.

ALVES, Poliana Sales. **Bandido bom é bandido morto. A experiência estética e produção de sentidos nos programas policiais da televisão: o caso do Bandeira 2**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013. Disponível em: <<https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/51>>. Acesso em: 01 set. 2017.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BUCCI, Eugênio. COMO A VIOLÊNCIA NA TV ALIMENTA A VIOLÊNCIA REAL - DA POLÍCIA. **Revista USP**, Brasil, n. 48, p. 68-73, fev. 2001. ISSN 2316-9036. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32892>>. Acesso em: 11 out. 2017.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Mídia e produção de modos de existência. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v.17, n.1, p.1-4, Abril 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722001000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 out. 2017.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Disponível em: <http://furteotempo.files.wordpress.com/2010/04/a-sociedade-do-espetaculo-guy-debord-pdf.pdf>. Acesso em: 03 out. 2012.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência**. As marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: Cortez, 1996.

HASEBRINK, Uwe. HEPP, Andreas. **Interação Humana e configurações Comunicativas: transformações culturais e sociedades midiaticizadas**. 2015. In: Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, 2 (3), S. 75-89. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/333/341>>. Acesso em: 24 out. 2017.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da "mediação de tudo"**. Matrizes. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan/jun. 2014. Disponível em:

<<https://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/82930>>. Acesso em: 23 out. 2017.

MARTHE, Marcelo. **Como o Brasil vê televisão**. In: Veja, edição 2124, 5 de agosto de 2009. Disponível em: <http://tvprojeto seminario04.blogspot.com.br/2012/05/como-o-brasil-ve-televisao-do-amazonas.html>. Acesso em: 01 de setembro de 2017.

MENEZES, Matheus Rivé Boia; MEDEIROS, Clarissa Pippi de; ALVES, Gilson Pinto. Jornalismo investigativo e policial: os bastidores da produção jornalística de assassinatos em série e crimes que abalaram a sociedade. **Anagrama**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 1-10, oct. 2009. ISSN 1982-1689. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35421>>. Acesso em: 04 out. 2017.

ODALIA, Nilo. **O que é a Violência**. 2ª edição, São Paulo, 1983.

OLIVEIRA, Flávia Roberta de Gusmão. SANTOS, Marta Thais Leite dos. **Cardiot aqui na Clube: Telejornalismo policial local para negação aos direitos humanos**. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 2014, João Pessoa/PB. Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 15 a 17 de maio de 2014, p. 01-11. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0149-1.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.

REGIOLI, Fábio Rogério; SALES DE LIMA, Claudir. O PRODUCT PLACEMENT EM PROGRAMAS POLICIAIS DE TV. **Revista FaaTual**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 127-142, mai 2017. ISSN 2358-2804. Disponível em: <<http://faatensino.com.br/revistas/index.php/faatual/article/view/63>>. Acesso em: 05 out. 2017.

SOUZA, Mériti de. Televisão, violência e efeitos midiáticos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 82-87, Dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 out. 2017.

TEIXEIRA, Alex Niche. **O espetáculo da violência televisiva: estudo de caso do programa Linha Direta da Rede Globo de Televisão**. In: XXVII Encontro Anual da ANPOCS, 2003, Caxambú, 2003. Disponível em: http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4323&Itemid=316. Acesso em: 22 de set. 2013.

WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 5-41, Maio 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20701997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 dez. 2017

World Health Organization. Global consultation on violence and health. **Violence: a public health priority.** Geneva: WHO, 1996.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista

1. Quando teve início o Balanço Geral RS? Que circunstâncias levaram ao desenvolvimento do modelo do programa?
2. A que fatores a produção atribui o sucesso do programa?
3. Qual o propósito do programa na sua visão?
4. Como você define o público-alvo do programa?
 - a. O programa contém inserções de publicidade, tais como produto para parar de fumar, serviço de consultoria jurídica, suco de fruta e produto para perda de peso. As ações publicitárias estão relacionadas com o público-alvo do programa?
5. Como você avalia a questão dos rótulos que programas similares recebem por parcelas da população, como “sensacionalista”?
6. O programa critica e elogia as instituições do Estado, em especial as Polícias.
 - a. Quais são os cuidados que a produção tem na condução destas críticas a órgãos sensíveis do governo gaúcho?
 - b. Já houve algum tipo de pedido, por parte dos órgãos públicos, para amenizar as críticas expostas pelo Balanço Geral?
7. O Balanço Geral RS se enquadra como programa jornalístico de notícias, curiosidades, variedades, prestação de serviços.
 - a. Como é organizada a pauta do dia? Quais são as prioridades?
 - b. A produção passa pelas reivindicações dos telespectadores?
8. Você considera que o programa existiria com este formato se os índices de violência fossem menores?
9. Qual é a mensagem que o programa pretende passar aos telespectadores e demais interessados quando expõe crimes de diversas naturezas?
10. Alexandre Mota já foi questionado em artigo acadêmico publicado pela revista

“[Temática](#)”, da UFPB, se era jornalista ou justiceiro, por conta de seu discurso agressivo em programas analisados entre 2013 e 2014, chegando a derrubar ao vivo a bancada do programa e jogar seu sapato na direção da câmera. Atualmente, não se vê mais o apresentador em situações semelhantes. O que mudou na produção daqueles anos para cá que ocasionaram esta mudança na postura do apresentador?

11. A produção acredita que o programa contribui, em algum nível, para a formação de uma sociedade melhor informada e consciente de seu papel na construção de uma cidade melhor?
12. A interatividade marcante do Balanço Geral RS permite aos telespectadores conversarem com o apresentador instantaneamente. Às vezes, o apresentador deixa de ler determinado comentário por conter mensagem de baixo calão ou que possivelmente infrinja as leis vigentes. Geralmente, o discurso apresentador x telespectador se alinha, ocasionando sentimento de pertencimento entre as partes. Que tipo de cuidados é preciso ter nessa interação?
13. Alexandre Mota é frequente defensor da população vitimada seja pela violência, pela falta de infraestrutura pública, pela inoperância do Estado em seus deveres etc. A interatividade no programa passa muito por pessoas em situação de risco esquecidas pelo poder público e/ou vítimas da falta de segurança pública. Qual é o reconhecimento que o programa tem por sua atuação em defesa destes sujeitos?
14. As Polícias, sempre que disponíveis, têm espaço cativo no programa para relatar suas versões das ocorrências noticiadas. Noutros programas com foco policial, os criminosos também têm voz ativa nas reportagens. Esta, porém, não é uma característica do Balanço Geral RS. Como o programa decidiu por não dar voz àqueles que cometem crimes?
15. O apresentador tem liberdade para dar sua opinião diante das notícias?
16. Os telespectadores enviam mensagens à produção de modo a permitir que a mesma avalie se o propósito do programa é atingido?

17. Na visão da produção, como se entende que os telespectadores captam a mensagem do programa como um todo? Poderia este entendimento, *por exemplo*, ir além do campo jornalístico e o programa possuir status paternalista?

APÊNDICE B – Transcrição de entrevista

Entrevistado: José Ferraro

Cargo: Editor-Chefe do programa jornalístico Balanço Geral RS da Record TV RS.

Local: Sede da Record TV RS. Rua Correa Lima, 2222, Santa Teresa, Porto Alegre.

Realizada em 14 de novembro de 2017.

1. O Balanço Geral no Rio Grande do Sul começou em julho de 2007 quando o Grupo Record comprou a antiga TV Guaíba, que ficava aqui nesse mesmo prédio. Eles compraram a empresa Guaíba (TV Guaíba, Rádio Guaíba e Correio do Povo). Quando aconteceu isso se mudou a programação da televisão da antiga TV Guaíba. Passou-se a exibir a programação nacional da Record e desde aquela época a Record tem uma programação extensa pro horário local em praticamente todo Brasil, principalmente nas emissoras próprias, que é o caso de Porto Alegre, que não é uma filiada, é Record TV mesmo. Dai o que acontece: nas emissoras que a Record tem as praças – que é o que a gente chama que são os Estados, as capitais onde a Record tem emissora própria, que é o caso aqui de Porto Alegre, Rio Grande do Sul – tem o programa Balanço Geral. Então esse programa existe em todo o país, e o que eles fizeram, eles ampliaram e colocaram aqui em Porto Alegre também. Ele não existia aqui, porque antes de a Record ser o canal 2 aqui ela era afiliada da Pampa, então nas afiliadas não têm a obrigatoriedade - digamos assim - de seguir com os mesmos programas locais que a Record tem. Então o programa iniciou aqui em 2007, na época não era o Alexandre Mota que apresentava, era o Reche (Luís Carlos Reche), ele apresentou durante uns quatro meses e na sequência eles trocaram o apresentador, inclusive pra adequar o programa ao que era o programa no país inteiro. Não que aqui ele não estivesse com... Não estava com uma linha editorial diferente, mas a cara do programa, a linguagem do programa ela ainda não estava tão - como eu vou te dizer - azeitada com o resto do país. E o que é o Balanço Geral? É um programa jornalístico, em primeiro lugar, com notícias policiais e com entretenimento. Às vezes ainda é difícil fazer com que os próprios jornalistas, inclusive os próprios jornalistas que fazem o Balanço Geral entendam isso, porque é uma proposta que, embora ela seja antiga, já existem programas que nem o Balanço Geral que juntam entretenimento com o jornalismo - como eu disse, ele é um programa jornalístico com entretenimento também -, que já

existiam em outras emissoras, teve o Aqui Agora no SBT, já existia o Cidade Alerta na própria Record, o Brasil Urgente na Band, teve no início da década de 1980, que foi um dos precursores, foi o Povo na TV, que era no SBT, então é um formato que já existe, o que foi a diferença com o Balanço Geral: embora as pessoas comentem que ele é muito policial - eu não vou dizer nem sangrento, porque a gente toma muito cuidado, pode até ter visto já, não tem imagem de sangue, a gente cuida os termos que vão ser usados na hora de exibir as reportagens, que acaba, por exemplo, nos comentários do apresentador, do Mota, não se acaba tomando tanto cuidado porque ele acaba comentando na hora ali, é o jeito dele, mas nas reportagens a gente cuida muito isso, os termos que vão ser usados pra não chocarem tanto ou pra não serem tão explícitos, até no caso quando acontece um crime a gente não fica especificando. A gente recebe as imagens da polícia, coisas são absurdas, mas a gente não fica explicando que foram tantos tiros no coração, uma facada... Não existe isso, embora tenha muita gente que fale "ah, é um programa sensacionalista" ou "é um programa popular" ou "é apelativo", tem muitos adjetivos que a gente acaba recebendo, mas por outro lado as pessoas não se dão conta do cuidado que a gente tem pra não expor nem as pessoas envolvidas e nem as pessoas que estão assistindo à crueldade, às vezes, que são determinados casos porque, infelizmente, a violência sempre foi grande aqui no Brasil, não dá pra gente negar e dizer que nunca foi, mas infelizmente está cada vez pior.

É a maior programação local de todas as emissoras do país. Eu quis ser jornalista de televisão desde pequeno, eu sempre gostei muito de TV, e antigamente existia a Rede Manchete de Televisão, eu era fanático pela Manchete, eu tenho guardado até hoje material em vídeo e revistas que eu tinha da Manchete, e naquela época eu quis ser jornalista e a Manchete tinha uma linha editorial e de programação muito diferente da Record, mas ao mesmo tempo, como eu citei o Aqui Agora, quando eu era pequeno eu assistia o Aqui Agora, então eu acabei desde pequeno entendendo a linguagem. Uma coisa é fazer um telejornal-telejornal e outra coisa é fazer um programa jornalístico, então, desde sempre eu acho, eu não consigo me lembrar, eu acho que inclusive quando a RBS tinha uma programação mais extensa ainda, eu acho que a Record em número de horas semanais durante a semana, não digo sábado e domingo, deve ser a emissora que mais tem programação local. A não ser em outras capitais, não sei, mas estou falando aqui do Rio Grande do Sul, programação local da Record é uma das mais extensas, se não a mais extensa.

2. A linguagem do programa foi adaptada no início, não por uma questão da Record, e nem por uma questão da maneira – a maneira de noticiar também –, é porque não existia a tradição aqui em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul como um todo de ter um programa jornalístico de polícia. O que se tinha muito eram programas de entrevista, os programas jornalísticos da RBS que segue o padrão da Globo, que é uma coisa mais “limpinha”. Eles dão polícia também, mas eles deixam em segundo plano, porque a gente não inventa os casos que acontecem, a diferença é que, se acontecer uma chacina, como infelizmente tem acontecido seguidamente em Porto Alegre, na região metropolitana, tu vai ver isso na RBS numa "nota coberta" como a gente chama, que é quando o apresentador lê a notícia e não tem um repórter fazendo a matéria, ou, agora, depois que a Record começou a RBS mudou muito a maneira dela fazer jornalismo, tirando bancada, o apresentador ficando de pé, tendo uma linguagem mais popular, acessível e cobrindo mais polícia também. As outras emissoras acabaram mudando a maneira de fazer jornalismo aqui no Rio Grande do Sul também em função da chegada do Balanço Geral e da Record, e o sucesso do programa, agora eu não vou falar nem como jornalista, eu vou falar mais da tua área: tem duas maneiras de pegar atenção das pessoas, são duas coisas primordiais que chamam atenção em qualquer ser humano: violência e sexo. Elas permeiam piada, briga, discussão, relacionamento, tudo. E a violência que eu te digo não é nem a questão de tiroteio, até de ciúmes, de... São as duas coisas que permeiam muito. Quando a gente faz Faculdade de Comunicação, de Jornalismo, há várias cadeiras também de humanas, de sociais, que acabam fazendo esse estudo também. E o Balanço Geral acaba contemplando na questão da violência, né? Porque, e independente de chamar a atenção, isso infelizmente faz parte do nosso dia a dia. Antes de eu fazer o Balanço, eu trabalhei na TV Unisinos, eu fazia muita programação voltada à cultura – a TV Unisinos existia junto com o Canal Futura, então as nossas matérias eram sobre cultura, sobre educação, sobre serviço, então, não tinha nada, nada, nada de violência, era basicamente cultura e educação. E o que acaba acontecendo: não que a gente não vá fazer esse tipo de matéria, mas o carro-chefe é a questão policial, mas a gente tem muita matéria de serviço, buraco em rua, as pessoas que tão sem saneamento básico, muita reportagem chega através da gente pelo *WhatsApp*, pelo *Facebook*, antigamente as pessoas ligavam quando as redes sociais não eram tão difundidas como agora, então, tem essa ligação muito próxima com o telespectador, com os problemas que afligem, que vai

de um buraco na rua, a questão da violência, a questão da greve dos professores, ele é um programa muito ligado pro dia a dia das pessoas. Como eu comentei agora, eu falei de cultura e educação, não estou desfazendo isso, mas, por exemplo, se eu fizer uma matéria sobre uma peça teatral, infelizmente não vai tocar todas as pessoas, porque infelizmente no Brasil nós não temos o hábito de ir ao teatro. Mas, infelizmente, se eu fizer uma matéria sobre os assaltos que estão acontecendo no centro de Porto Alegre, direta ou indiretamente vai afetar a vida de todo mundo. Isso é um dos segredos do sucesso do programa, porque como eu disse, se eu botar uma peça de teatro, uma matéria sobre uma peça teatral, ou sobre – o que eu fazia muito na Unisinos, eu acho muito legal -, sobre o Festival de Cinema de Gramado, vai pegar parte da população, vai pegar um nicho da população, e a questão da violência pega, inclusive, as pessoas que não gostam do Balanço Geral. Vou te dar um exemplo: eu fui estudante, fiz Faculdade de Jornalismo e meia Faculdade de Direito na Unisinos e dentro da academia, pelos estudantes e principalmente pelas pessoas mais jovens existe uma restrição muito grande aos programas mais populares e aos programas policiais, principalmente no meio acadêmico e, inclusive, na UFRGS. O que eu entendo, mas como eu disse, existe os dois lados, eu entendo a parte acadêmica, só que na realidade o dia a dia nosso não é só o que a gente aprende na academia, a gente infelizmente tem que se adequar ao mercado e à população, então acaba tendo mercado para ter programas policiais ou programas de serviço pra população e tem uma audiência fiel a isso, e ela acaba atingindo, como eu ia comentar, por exemplo, o que aconteceu semana passada, o estudante esfaqueado no RU, na UFRGS. Eu tenho certeza, como eu disse, eu fui estudante, que 90%, 80% daqueles estudantes não assistem ou nunca assistiram o Balanço Geral. Em primeiro lugar, porque eles não estão em casa, estão estudando; em segundo lugar, porque não vai interessar, e pra grande parcela ou boa parcela deles, não vão assistir porque o foco é diferente também. O programa acaba pegando - como ele pega pelo lado emocional também -, ele vai pegar muito mais a minha mãe, a minha vó, a minha tia, o meu tio, do que uma pessoa de 20 anos. São as pessoas que estão em casa: tu vai acabar pegando mais as pessoas mais velhas que estão em casa, porque o jovem, em primeiro lugar a gente acha que nada vai acontecer com a gente. Eu tenho um filho de dois anos, por mais que, dos últimos anos eu comecei a ficar com medo da violência, porque ela aumentou, é inegável que ela aumentou, já vou te dar outro exemplo do por que ela aumentou, depois que

o meu filho nasceu eu comecei a ficar com mais medo. Eu tenho medo por mim, eu tenho medo por ele. E quando se é jovem tu não tem isso, minimiza-se, eu não vou dizer a importância, ou vou dizer importância, pode ser que eu esteja falando importância porque tu vai achar que eu estou puxando pro meu assado de ter um Balanço Geral, mas eu acho que se por um lado a gente - eu acho que é uma das tuas perguntas também -, a gente pode ser acusado, a gente eu digo a mídia toda e o Balanço Geral, de aumentar a violência ou de fazer as pessoas ficarem com sensação de medo, porque é noticiado e porque tu passa repetindo exaustivamente aquilo que aconteceu, por outro lado, quem não assiste, parece que está numa redoma de vidro, que as pessoas não ficam com medo quando não assistem, elas só ficam com medo se elas assistem ou se acontece com alguém próximo ou com elas mesmas. Então, têm os dois lados. Tem o lado que eu acho que ajuda a população porque vai ficar alerta, "sei que eu não posso ficar caminhando no centro, olhando... Vai chegar um batedor de carteira e vai me roubar, não posso ficar com o celular na parada do ônibus", mas eu noto que tem os dois lados. Ao mesmo tempo em que uma pessoa que vê fique com medo, ou pode ser que aumente o medo, uma sensação de medo maior do que o necessário, por outro lado eu vejo que algumas pessoas ficam à parte disso e parece que aquilo não está acontecendo, e está acontecendo sim. E a violência não está mais restrita a Vila Cruzeiro. Há pouco teve uma perseguição policial na Getúlio Vargas, no Menino Deus, os assaltos que têm em shopping com tiroteio, que a gente já mostrou ao vivo, então, têm os dois lados. E agora o exemplo que eu falei que eu ia dar: como eu noto que a violência aumentou? Eu estou na Record desde 2007, eu faço o Balanço Geral há nove anos. Quando a gente começou aqui o programa sempre foi muito extenso, mas agora ele está maior ainda. Ele tá com 3 horas, é o período que ele está a mais tempo e mais tempo com mais tempo. Ele começou do 12h45min até 14h, depois passou do 12h45min até às 14h30min, às 14h45min, às 14h50min, às 15h, e então inventaram de começar ao meio-dia. Então, no início do programa - que o programa era mais curto -, a gente não tinha tanto caso de polícia, acontecia um latrocínio, a gente fazia a matéria do latrocínio e no dia seguinte a gente fazia o enterro da pessoa que tinha morrido, pra continuar naquele assunto porque eu tinha um jornal que eu precisava preencher o jornal com matéria de polícia, apesar de que a gente fazia serviço, como eu disse. Hoje eu não consigo mais fazer isso, porque no dia seguinte eu tenho um esquartejado, uma chacina, um shopping assaltado... Até deu uma

amenizada agora, eu acho por causa da disputa das bocas de tráfico as coisas estão... Porque no ano passado eu tinha medo de sair na rua, claro, a gente fica mais vulnerável porque trabalha com isso e vê toda hora o que está acontecendo, mas, como eu falei hoje em dia os assuntos de polícia despencam na tua frente, às vezes não se dá conta.

Existem coisas que eu vou dar um exemplo, tu falaste “de como é que o público recebe”, tu acabas trabalhando também com o emocional das pessoas. Por exemplo, hoje a gente teve uma matéria de um caso de crime passionnal. O que acontece: se eu tiver dois casos de crime passionnal pra botar, eu tenho um crime passionnal de um marido que matou a mulher ou o companheiro matou a mulher e fugiu, está foragido, ou eu tenho um crime que ele matou a mulher e se matou. Qual tu acha que vai dar mais audiência? O que ele fugiu, porque as pessoas ficam com raiva e querem saber onde é que ele está. Então, ao mesmo tempo em que eu estou cuidando da parte jornalística de noticiar o fato, a gente também sabe como é que as pessoas estão recebendo aquilo, se as pessoas receberem, como eu disse, eu tenho um repórter pra fazer dois casos, eu não vou fazer o que o cara se matou, eu vou mandar pedir pra fazer o que o cara está foragido. E ai também tem o outro lado: o que se matou se matou. O que tá foragido, se a polícia estiver procurando ele eu posso divulgar que a polícia está procurando, e se a polícia estiver com o rosto dele, eu ajudar a encontrar. São variáveis. Eu tenho o mesmo caso, com variáveis diferentes, e que quando noticiar, a percepção das pessoas é diferente também. Uma, pode ser que as pessoas não deem bola, dai eu tenho uma matéria longa como foi a de hoje de sete minutos, que elas vão mudar de canal, vão pra RBS, vão ver o Chaves. Ou se eu tiver o caso em que o cara está foragido, as pessoas vão ficar com curiosidade, vão continuar, vão ver os sete minutos da matéria.

3. A gente noticiar os fatos do dia a dia da população. Pode ser que tu penses assim "ah, tu tá deixando de lado política, tá deixando de lado economia", estou e não estou, porque todos os problemas que nos afligem, eles são resposta ou consequência das atitudes que as pessoas têm no dia a dia político delas, em quem elas votaram, em quem elas deixaram de votar, em quem elas esqueceram que votaram. Eu não estou lá fazendo aquela política formal, economia, eu não estou falando da queda da bolsa ou da subida do dólar, mas ontem, teve matéria sobre;

nos últimos dois meses subiu quatro vezes o gás e a gasolina até esqueci já quantas vezes subiu. Ontem a gente teve uma matéria sobre isso. Eu não estou no Palácio do Planalto, eu não estou no Paço Municipal, no Piratini ou na Assembleia, ou na Câmara de Vereadores, mas eu estou fazendo a reportagem da decisão que foi lá, por exemplo, do aumento de passagem. Eu não estou entrevistando os vereadores, mas eu estou mostrando nas ruas a dona Maria que vai pegar um ônibus e vai gastar 30% do orçamento dela só pra ir trabalhar por causa do aumento da passagem do ônibus. A forma de noticiar é mais popular, mas eu não estou deixando de noticiar o fato que o Jornal da Record ou o Jornal Nacional ou o Jornal do SBT vão noticiar, claro que nos assuntos mais formais sim, mas aí há outro detalhe, eu tenho um jornal ao meio-dia, eu não estou fazendo um jornal noturno, em que - aí sim -, cabe eu falar de uma questão mais formal e mais burocrática de economia, ou de política, apesar de ser um telejornal, um programa jornalístico no caso, não um telejornal, ele é um programa jornalístico com entretenimento também. Por isso que ele é extenso, e por isso que ele tem outros quadros também, ele tem o esporte com o Nando, ele tem as fofocas com a Hora da Venenosa, em alguns momentos o Mota lê mensagens, e teve uma época em que ele até brincava mais, tem a parte da descontração, até porque eu não vou ficar três horas falando de morte, nem nós vamos aguentar, quanto mais o público.

4. Eu vou te dar uma resposta a partir da minha visão de jornalista, porque quem fica encarregado da questão dos *merchans* é a parte do comercial. Eu não tenho contato com isso, eles só me passam a relação dos *merchans* que vai ter por dia, não sou eu que defino, os produtos são fechados entre os anunciantes e o departamento comercial da emissora, mas eu acredito que, tanto por parte da emissora, como por parte de quem está anunciando, eles anunciam os produtos que eles saibam e imaginem que vá vender mais. E se tu for ver são produtos populares: emagrecimento, pra calvície, pra parar de fumar, empréstimo de dinheiro, suco de frutas, café, mas é mais essa linha. E se pegar também qual é o perfil do público que está em casa nesse horário, são, como falei antes, não é muito jovem, são pessoas com mais de 40 anos, muitas delas aposentadas, que ficam em casa, ou que vão almoçar em casa, então pode ver que não tem coisa pra criança, por exemplo. Mas isso também é outra, é outra vertente que hoje em dia também não existe mais nem programação infantil na TV aberta. Mas, ele é sim focado para o público-alvo e para

o público que através dos estudos de audiência, de recepção que são feitos pela própria emissora, ou pelo IBOPE, acaba se sabendo que é o público.

5. É mais ou menos isso que eu falei, eu acho que não só o Balanço como a TV. Pra início de conversa, não estou dizendo se tá certo ou se tá errado, a gente está num período muito limpinho, politicamente correto, está muito forte hoje em dia, tu não pode ousar muito que tu podes ser mal interpretado e ser acusado de racismo ou de preconceito ou de homofobia ou do que quer que seja então se toma muito mais cuidado hoje não no Balanço Geral como na programação da televisão inteira, todo mundo toma mais cuidado com tudo, o que eu não acho ruim, eu acho correto porque tem que ter um parâmetro pra começar a fazer as pessoas se darem conta de que racismo realmente existe, de que homofobia realmente existe, que isso não é invenção, porque agora também botou a pecha de quem defende, ser comunista. Não, não é assim. Mas, por outro lado tem sim a questão de, em alguns casos, se ficar em cima. Vou dar um exemplo que não foi aqui, mas foi em São Paulo: o caso da Isabella Nardoni. Quantas crianças infelizmente foram mortas pelos pais? Quantos casos iguais o da Isabella Nardoni teve pais afora e só se falava da Isabella Nardoni? Por quê? Porque o caso Isabella Nardoni deu repercussão e deu audiência, então, sim, ali eu vejo uma questão sensacionalista, de tu pegares, de tu ficares só em cima daquele caso, tu não conseguir textualizar quantas crianças são mortas pelos pais, ou a mulher faz vista grossa porque o companheiro matou. Isso sim, eu acho que é sensacionalismo. Agora, eu ter um programa jornalístico ou policial, como é o caso do Balanço Geral, só pelo simples fato dele ser policial, não quer dizer que ele seja sensacionalista. Da mesma, a gente toma o máximo de cuidado, dificilmente a gente diz que uma criança ou uma mulher foi estuprada, nós falamos que ela foi abusada. Hoje mesmo a gente teve um *link* de um caso num ônibus, esses intermunicipais aqui de Porto Alegre pra Cachoeirinha, em que a mulher estava sentada no ônibus, o cara estava do lado dela – que foi o mesmo caso que aconteceu no *Uber* semana passada, o do *Uber* foi o motorista – e ali um cara sentou do lado dela, começou a se masturbar, e ejaculou nela. Tu vai ver isso até na Globo News e nas rádios eles acabam falando a palavra 'masturbação', 'ejacular'. Nós dissemos hoje e da outra vez pura e simplesmente que a pessoa tinha sido abusada. Então, eu questiono o fato de, por exemplo, o caso das crianças que foram mortas em Novo Hamburgo, faz um tempo já. Foi encontrada uma cabeça, na

época até a gente anunciou que era de uma mulher e de uma criança. Depois foi se descobrir duas cabeças de duas crianças, dois corpos, sem as cabeças. Isso já faz uns dois meses. E não se tem notícia do sumiço das crianças, ninguém disse que as crianças sumiram, nada, não se sabe quem elas são. E ontem encontraram o crânio das crianças em São Leopoldo. Em momento algum a gente disse que as crianças estavam sem cabeça, que tinham sido esquartejadas, que se suspeita de magia negra, também não se falou. A gente disse que parte do corpo foi encontrada, e agora a gente falou que parte do corpo foi encontrada também, a gente não especificou que era a cabeça, em determinado momento nós falamos que era o crânio. Mas quando acontece tiro, os corpos, a gente põe *blur*¹¹, se alguém é assaltado, se houver uma gota de sangue no chão a gente não usa a imagem. Então, o que é ser sensacionalista, eu acho que a gente seria sensacionalista se a gente ficasse intensificando isso, ai sim. Agora, o fato de eu noticiar não.

6. A) A gente tenta ser justo. Em primeiro lugar, eu sei que polícia é um aparato do Estado para, assim como a Igreja, como a família, existe órgãos de controle que fazem com que a sociedade se encaminhe e não se desvirtue. Então, a polícia - teoricamente - é pra trazer segurança, então vamos estar do lado da polícia, mas se a polícia errar vamos ter a liberdade de questioná-la.

6. B) Sim, já aconteceu. E não acontece aqui na Record, acontece em todos os veículos de comunicação e quem disser que isso aí não acontece está mentindo. Até porque todos os veículos de comunicação, tirando os veículos públicos, são donos de empresas privadas que visam lucro, então acontece.

7. A) É tudo isso que tu disseste, mas como eu falei no início, o foco principal é polícia, o foco principal são matérias policiais, depois vêm as matérias de serviço, e depois entretenimento, mas serviço engloba comunidade, saúde, educação... Mas são coisas assim, eu não vou ter uma matéria sobre o teu trabalho acadêmico, mas eu vou ter uma reportagem sobre – ontem mesmo se fez uma reportagem de uma professora que usa gibi pra dar aula de química –, uma coisa que a comunidade, que influencia e que vai chamar atenção da dona de casa que está lá porque o filho dela aprende química na escola.

¹¹ Diz respeito ao ato de desfocar imagens consideradas impróprias a quem se utiliza do recurso. Especificamente, o efeito *blur* é utilizado pelo programa quando é necessário encobrir imagens explícitas de pessoas feridas ou mortas.

7. B) Sim. Praticamente todas as reportagens de comunidade que a gente tem a população que manda mensagem, manda sugestão e a gente vai, inclusive, agora não tem, mas durante um bom tempo a gente teve *link* na comunidade que era vivo, toda semana num bairro diferente, a gente teve um bom tempo *link* no centro de Porto Alegre ouvindo o povo, então, isso sempre teve.

8. Sim, haveria uma readequação, vou dar mais um exemplo dos últimos três anos, foi principalmente depois da mudança de Governo, que teve greve da polícia, parcelamento de salários, isso tudo, a violência cresceu muito no Estado. E antes disso a gente chegava a ter matéria de política com *link* na Assembleia, votação, com o Voltaire Porto na época, então teve uma época que a gente fazia muita comunidade, como eu te disse tinha *link* de comunidade. A gente tem essa questão: serviço, comunidade, política, e a gente vai se alternando, teve épocas que a gente era muito mais brincalhão no ar, tinha muito mais brincadeira, muito mais entretenimento, então, realmente, dependendo dos índices, por isso que eu questiono o fato de nos chamarem de sensacionalista, dependendo de como está a situação, o programa não perde a característica dele, que são esses elementos que eu te falei. Mas às vezes sim, teve anos que ele ficou mais comunidade, teve anos que ele ficou mais polícia, teve ano que o aparte de entretenimento foi maior, ele vai se adequando.

9. Eu não consigo dizer, claramente, a mensagem que a gente quer passar, mas a gente quer mostrar que as coisas não estão bem.

10. Na verdade não mudou nada, mas mudou tudo. Não mudou nada porque o programa é o mesmo, as reportagens são as mesmas. E mudou tudo porque o país mudou, as pessoas mudaram, e cansa. Ele não vai ficar a vida inteira fazendo, ele continua fazendo um discurso eloquente, digamos assim, mas ele não joga mais sapato, ele não vira mais a bancada, tem toda uma questão – eu não estou dizendo que ele fazia cena na época –, tem toda uma questão televisiva e de linguagem que para época ela se adequava mais, e é uma época que não é tão, tu estás me falando de três anos atrás. Agora se tu pegares o próprio Ratinho hoje e o Ratinho dez anos atrás, pega a televisão hoje e a televisão 20 anos atrás, as coisas vão se adequando. E no fato se ele é jornalista ou justiceiro eu vou dizer assim: ele tem um gênio muito difícil, me dou muito bem com ele, mas ao mesmo tempo ele tem um

gênio muito difícil, e ele é uma pessoa extremamente inteligente. Eu já conversei com pessoas achando que ele era ignorante ou que ele não tinha conhecimento, pelo contrário, o Alexandre Mota conhece o Rio Grande do Sul melhor que gaúcho, ele me corrige às vezes, ele sabe exatamente o bairro, o nome do bairro que fica, o nome da cidade que fica, a região do Estado que fica, estou dizendo de questão geográfica. A questão de matérias policiais, ele se lembra de todos os casos, de qual foi o delegado que investigou, de que criminoso estava envolvido, então, pelo fato de ter uma memória muito apurada, ele acaba conseguindo fazer os comentários longos, mais agressivos, e na época também usava desses outros artifícios, mas não que, eu não falei, mas eu estou falando agora, as pessoas me perguntam, ele é no dia a dia exatamente o que se vê no vídeo. Por isso que eu digo, gosto muito dele, mas é complicado tu lidar, porque, ele se envolve muito com qualquer coisa, qualquer coisa que eu estou dizendo, não é que eu estou dizendo que um crime seja qualquer coisa, não é isso, mas ele se envolve como se fosse com ele.

Quando ele brinca também, ele é uma pessoa extremamente divertida, tem umas sacadas muito perspicazes, então, sim, ele, é bem o que se vê no ar, ele oscila da raiva, da fúria pra brincadeira. Às vezes a gente até tem que controlar porque ele é assim.

11. Sim, porque eu acho que a gente acaba alertando as pessoas de golpes, de coisas erradas que são feitas por políticos, empresários e por aí afora, mas por outro lado, a maneira como a gente mostra, eu estou falando de uma questão de comunicação mesmo, de televisão e de comunicação de massa. Eu acho que a gente não consegue fazer as pessoas terem a dimensão do que elas estão inseridas, por exemplo: eu estou noticiando todos os dias um crime, eu posso fazer com que a pessoa tome mais cuidado ao sair na rua ou na própria casa, ou eu posso fazer com que a pessoa fique com mais raiva e que vá votar num Bolsonaro - embora eu não queira isso -, porque eu acho que as pessoas não, claro que pode desviar, mas daí também tem uma falha na maneira como se está noticiando. Pode ser que sim, agora, eu não sei se quem tá recebendo em casa, se a média da população está pronta pra receber o tipo de informação que ela recebe. E então eu vou além, não é nem só pela televisão ou pelo rádio, pela *Internet*, pelo *Facebook*, às vezes me preocupa isso, se tu não reforças estereótipo, se tu não reforças senso

comum, isso ai sim. E a gente tem uma preocupação com isso, tanto que muitas vezes a gente não faz determinadas pautas, ou a gente toma cuidado pra não reforçar algum, por exemplo, feminicídio. E o Mota é muito cuidadoso nisso, muito cuidadoso, as pessoas "ah, mas estava vestindo que roupa?", "a mulher foi estuprada mas estava de saia curta". Eu não sei se tu já notaste, se tu já viste algum comentário dele, ele toma muito cuidado pra falar isso, pra comentar, um dia quase que ele soltou assim "nem se a mulher quer dar o cara tem o direito de chegar lá e estuprar ela", então, isso, por exemplo, no caso de estupro, nisso ele toma muito cuidado, de crime contra mulher e coisas assim. Agora, num sentido da pergunta que tu fizeste eu fico preocupado às vezes na questão de defender pena de morte, defender pura e simplesmente a redução da maior idade penal, embora eu sempre tenha sido contra, eu acho que alguns pontos têm que ser revistos, mas como o senso comum das pessoas não está pronto ainda, eu fico preocupado da maneira como elas recebem, se a população sim, e não o apresentador, vai ter um sentimento de justiceiro em casa. Isso sim.

12. Tem que ter cuidado, só que a gente não consegue ter muito cuidado, porque normalmente nas redes sociais tem um estagiário, ou é um produtor que recém-formado, ou é o próprio assistente de estúdio que entrega, então, a gente não consegue ter, porque, tudo muito instantâneo, elas nem passam por mim. O Mota acaba fazendo a seleção.

13. Pelas próprias mensagens e quando a gente faz o Balanço na rua. O Mota parece uma celebridade, as pessoas se atiram em cima dele.

Ele tá cumprindo o papel dele, só que dai eu vou para outro lado: as pessoas quem? Se tu vais no centro de Porto Alegre, se tu vais num bairro mais pobre, sim. Se ele passar no Moinhos de Vento as pessoas viram o rosto pra ele, porque, não que a gente não fale do problema que acontece lá, porque lá também tem vazamento de esgoto, não tão corriqueiro como numa rua aqui da Cruzeiro, mas por causa do preconceito.

As pessoas até falam com a gente, mas uma pessoa mais pobre, ela se expõe mais do que uma pessoa mais rica ou mais estudada, então a interação e a receptividade não é a mesma. Claro que sim, tu vais chegar ao Moinhos de Vento, também vai ter a senhorinha lá que vai nos dar entrevista, que gosta dele, mas é capaz de chegar o filho ou o marido com a cara torta, é essa a diferença.

14. Vou pra'quela (sic) pergunta quando tu falaste da bancada, a gente já deu mais voz, a gente foi se limpando e se moldando. A gente cometeu excessos no passado, excesso que eu digo, tem gente que mostra ainda, eu estou falando excesso no sentido de que não é correto tu ficar dando voz pra bandido, a não ser que o cara tenha sido acusado injustamente e esteja se defendendo, sabe, mas a própria Record nacional não faz mais isso e na época que se criou o Balanço não se tinha muito parâmetro, porque não tinha como comparar, éramos nós que fazíamos isso, depois surgiu o Brasil Urgente local, o SBT mudou a programação local dele também que não era policial e passou a ser, e agora eles deram uma amenizada de novo, então, realmente acontecia isso. E a questão da polícia aparecer, eles mesmo acabam querendo mostrar o trabalho deles, então, o cara da delegacia lá da zona norte prendeu tantos e daí tem o cara da delegacia da zona leste e da zona sul, então: "olha, prendi tantos também, vem aqui fazer matéria", isso aí acontece.

O que acontece com alguns delegados e que o Mota questiona é o fato de que, o cara cometeu um crime, está preso, e eles guardam a imagem do cara, não deixam mostrar, isso sim, se tu não tem provas e evidências que o cara cometeu aquele crime, ok, agora o cara está lá, já assaltou 30 vezes a mesma quadra, roubou farmácia, escola, deu tiro, esfaqueou outro, o cara foi preso 50 vezes. Teve um caso que nem foi nosso, foi do SBT, se eu não me engano foi na UFRGS também, um cara que tinha sido preso 50 vezes e não podia mostrar o rosto. O cara vai assaltar de novo. Ou então mantém preso.

15. Sim.

16. Sim.

17. Eu não digo paternalista, eu acho que não é paternalista. Tem duas coisas. Paternalista no sentido de que eu posso ter um problema, eu vou dar o exemplo do esgoto de novo, em vez de eu chamar a prefeitura eu chamo o Balanço, isso sim, mas isso acontece em qualquer rádio. Mas, no comentário do Mota, que tu deves ter ouvido já, ele vai lá e cobra a prefeitura. Então ao mesmo tempo em que as pessoas nos chamam, a gente vai lá e cobra da prefeitura, daí eu vou pro mesmo caso da violência, eu não sei se – longe de mim de estar sendo preconceituoso –, eu não estou falando de população pobre ou de gente que não estudou, eu estou falando da média da população mesmo, do senso comum da população de não entender que

nós não somos o poder público, eu tenho que cobrar do prefeito, do governador, o que a gente vai lá é noticiar, sim, eles vão nos chamar e nós vamos lá, a gente vai tornar público aquilo que as autoridades não viram ou estão fazendo de conta que não veem, mas nós não vamos resolver. Quem tem que resolver é o prefeito, é o governador, é a câmara de vereadores, são os deputados. Isso na questão de serviço. Eu acho às vezes – eu não sei se as pessoas têm ainda esse discernimento –, por outro lado, na questão da violência, nós vamos lá noticiar, eu vou alertar as pessoas que é perigoso andar de noite em determinada rua, mas eu não sei se por um outro lado isso não desperta a ira das pessoas de querer fazer justiça com as próprias mãos, de querer que tenha pena de morte, de querer que um Bolsonaro da vida vire presidente, tem os dois lados. Eu consigo transmitir a notícia que eu estou querendo, mas eu não tenho o poder de fazer com que as pessoas tenham uma recepção correta daquilo que elas vão interpretar, é o risco que a gente corre.